

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE ARTES E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

**O TEMA E A SIGNIFICAÇÃO NA MÚSICA POP
ROMÂNTICA: (RE) DEFININDO RELAÇÕES
DE GÊNERO**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Ana Paula Fogaça Benchimol

**Santa Maria, RS, Brasil
2006**

**O TEMA E A SIGNIFICAÇÃO NA MÚSICA POP
ROMÂNTICA: (RE) DEFININDO RELAÇÕES
DE GÊNERO**

por

Ana Paula Fogaça Benchimol

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Letras, Área de Concentração Discurso e Enunciação, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM,RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Letras**

Orientadora: Prof^a Dr. Vera Lúcia Pires

Santa Maria, RS, Brasil

2006

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação
Programa de Pós-Graduação em Letras**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Dissertação de Mestrado

**O TEMA E A SIGNIFICAÇÃO NA MÚSICA POP
ROMÂNTICA: (RE) DEFININDO RELAÇÕES DE GÊNERO**

elaborada por
Ana Paula Fogaça Benchimol

como requisito parcial para a obtenção do grau de
Mestre em Letras

COMISSÃO ORGANIZADORA:

**Dr^a Vera Lúcia Pires
(Presidente/ Orientadora)**

Dr^a Nina Célia de Almeida Barros (UFSM)

Dr^a Silvana Grunewaldt Hillig (UFSM)

Santa Maria, 11 de janeiro de 2006.

AGRADECIMENTOS

À minha avó paterna Elza, pelo exemplo de leitora que sempre foi, modelo que me inspirou a mergulhar no mundo das letras. Hoje, a senhora, eu sei, encontra-se quase impossibilitada de ler, mas sempre será o exemplo da alfabetizadora dedicada à leitura;

Ao meu pai, Paulo Roberto, igualmente pelo fato de ser um leitor que, mesmo sem me obrigar a ler desde pequena, sempre deu a entender que a leitura era bem mais que uma forma de conhecimento;

À minha mãe, Ana Maria, por sempre me fortalecer com suas palavras de admiração pelo meu gosto pelo estudo e por todas as outras ajudas, durante este mestrado, que só mesmo uma MÃE poderia oferecer;

Ao Cássio, pela paciência nos longos finais de semana em que tive que ficar a sós com o computador e com os livros;

À minha orientadora, Vera Lúcia Pires, que me acolheu no Mestrado sem mesmo antes ter me conhecido e que se tornou uma pessoa importante para a aquisição de muitos conhecimentos. A você também sou grata pela amizade e desejo que possamos trabalhar juntas por um longo tempo.

À colega e amiga Ediliane, pela leitura atenta de meu trabalho e pela ajuda nos momentos de “correria”;

Ao colega de orientação Gustavo, pelas colocações sempre inteligentes (embora eu ainda não entenda o um, o não-um, o outro, o não-outro... a difícil psicanálise) e pela amizade durante o curso de Mestrado;

Aos alunos e alunas que tão gentilmente ajudaram em minha pesquisa;

Às amigas Janer, Euvandir, pelos comentários sobre as letras das músicas e às amigas Jandira e Vanessa, pela ajuda no inventário dos significados das palavras (com seus enormes dicionários);

Ao diretor da escola em que trabalho, professor Luiz, e às vice-diretoras Anelise, Rosecler e Marina por terem me liberado, por alguns dias, para que pudesse concluir minha pesquisa.

Por fim, tratemos de cultivar o gosto pelo estudo, esse gosto que faz nossa felicidade só depender de nós mesmos. Evitemos a ambição, e, sobretudo, saibamos bem o que queremos ser; decidamos por qual caminho queremos enveredar para passar nossa vida, e tratemos de semeá-lo com flores.

(Madame du Châtelet)

RESUMO

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós-Graduação em Letras
Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil

O TEMA E A SIGNIFICAÇÃO NA MÚSICA POP ROMÂNTICA: (RE) DEFININDO RELAÇÕES DE GÊNERO

AUTORA: Ana Paula Fogaça Benchimol

ORIENTADORA: Vera Lúcia Pires

Data e Local da Defesa: Santa Maria, 11 de janeiro de 2006

Este trabalho insere-se na linha de pesquisa Enunciação e Gênero e tem, como propósito, analisar dois aspectos: o sentido dos signos com base na teoria enunciativa de Bakhtin e as relações de gênero percebidas em canções pop românticas, com enfoque na representação da identidade feminina. Além das letras de música, o corpus da pesquisa é constituído pelas enunciações de alunos oriundos de duas escolas. A metodologia consiste na análise do tema e da significação de vocábulos selecionados das canções, a qual foi feita com o auxílio de dicionários da língua portuguesa acrescida da enunciação escrita dos alunos. Pela pesquisa, foi possível constatar que não é possível atribuir, aos signos, apenas significados elencados em dicionários, visto que a relação dialógica entre sujeitos, formulada por Bakhtin, revela sentidos que somente podem ser percebidos quando o sujeito coloca a língua em ação. Também foi possível verificar que, embora as teorias sócio-culturais de gênero tenham contribuído para que o preconceito com relação às mulheres diminuísse, lingüísticamente, ainda existem diferenciações sexistas.

Palavras-chave: enunciação - tema - significação - Bakhtin - gênero

ABSTRACT

Master Dissertation
Programa de Pós-Graduação em Letras
Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil

THE THEME AND THE SIGNIFICATION IN THE ROMANTIC POP MUSIC: (RE)DEFINING RELATIONS OF GENRE

AUTHOR: Ana Paula Fogaça Benchimol

ADVISER: Vera Lúcia Pires

Date and Local of the Presentation: Santa Maria, January 11th, 2006

This work is inserted in the research area of Enunciation and Genre and its purpose is to analyze two aspects: the sense of signs based on the Bakhtin's enunciative theory and the relations of genre perceived in romantic pop songs, with focus on the representation of feminine identity. Besides the lyrics, the corpus of the research is constituted by enunciations of students from two schools. The methodology consists of analysis of the theme and the signification of words selected from the songs, which was made with the support of dictionaries on Portuguese language added by the students' written enunciation. Throughout the research, it was possible to notice that it is not possible to attribute, to the signs, only meanings that are present in dictionaries, given that the dialogic relation between subjects, formulated by Bakhtin, reveals senses that only can be perceived when the subject puts the language in action. It was also possible to verify that, although the socio-cultural theories of genre have contributed to the decrease of prejudice in relation to women, linguistically, there are still sexist differentiations.

Key-words: enunciation - theme - signification - Bakhtin - genre

LISTA DE ANEXOS

ANEXO A – Letras de músicas	81
ANEXO B – Tabelas com significações dos vocábulos	89

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 PRINCÍPIO DA TRAVESSIA: DESCORTINANDO O CONHECIMENTO	16
1.1 Os lugares ocupados pelos mulheres e os sentidos possíveis para o sujeito feminino ao longo do tempo	17
1.2 Teorias de gênero: adeus à armadilha da condição biológica	29
1.2.1 As relações entre linguagem e gênero: o fim do mito da unidade feminina?	34
1.3 A linguagem na perspectiva dos estudos enunciativos de Bakhtin	37
1.4 A dupla forma de significar bakhtiniana	43
2 PRIMEIRA PARADA: RECONHECENDO OS SUJEITOS ANALISADOS, TRAÇANDO AS ESTRATÉGIAS DE CONHECIMENTO	48
2.1 Seleção do corpus e procedimentos de análise	49
3 SEGUNDA PARADA: VIAJANDO NAS CANÇÕES PARA ENCONTRAR OS SIGNIFICADOS DOS SIGNOS	52
3.1 Compreensão das letras de música	52
3.2 A mesma palavra, os diferentes sentidos	59

3.3 A um passo da parada final: analisando parte do caminho percorrido ..	67
CONCLUSÕES FINAIS	72
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	74
ANEXOS	80

INTRODUÇÃO

O estudo da língua baseado na atividade lingüística do falante tem sido a preocupação das teorias enunciativas, as quais se desenvolveram e se tornaram muito conhecidas nos últimos quarenta anos. Essa nova perspectiva de se considerar a língua tem favorecido pesquisas sobre categorias como o sujeito e o sentido, que, nos estudos estruturalistas saussurianos, foram praticamente excluídas dos estudos sobre a língua.

Nas teorias enunciativas, em especial nos trabalhos enunciativos do pensador russo Bakhtin, a significação dos signos passou a depender das relações que o sujeito estabelece com o outro, do diálogo instituído entre ambos. É com base nesse conceito de sentido das palavras que se desenvolverão nossas análises lingüísticas.

Como fizemos parte de um grupo de estudo não só das teorias enunciativas, mas também das teorias sócio-culturais de gênero, em nosso trabalho, igualmente, procuraremos estabelecer relações entre linguagem e gênero. Em específico, investigaremos as significações algumas palavras quando relacionadas a um sujeito feminino.

A motivação inicial, para esta pesquisa, surgiu do próprio trabalho em sala de aula, como professora de língua materna. Percebemos que, tanto os alunos que cursam as séries finais do Ensino Fundamental como os que já estão no Ensino Médio, estão cada vez mais questionadores. Esses, por exemplo, diante da palavra namoro, não se contentam com definições encontradas nos dicionários. Assim, pareceu-nos essencial

procurar investigar o sentido das palavras tendo com base teorias que se distanciem dos conceitos tradicionais apresentados em livros didáticos. Da mesma forma, notamos que, ao trabalharmos textos que envolvam relações entre homens e mulheres, os estudantes, geralmente, ainda interpretam significados de palavras, em especial quando essas se referem a mulheres, baseados em construções femininas cristalizadas há muito tempo em nossa sociedade. Em outras palavras, ainda existem garotos que ainda consideram como verdadeiro o antigo chavão o qual dita que “lugar de mulher é dentro de casa”, assim como ainda há garotas que defendem que cabe apenas ao homem sustentar sua família. Essas construções preconceituosas são percebidas não só nas produções textuais desses alunos, mas nos significados que eles atribuem toda a vez que são solicitados a indicar um sentido a determinada palavra.

Uma vez escolhido o percurso teórico que servirá para embasar nossa pesquisa, selecionamos o corpus que será analisado. Esse é constituído pela enunciação de alunos que estudam na 8ª série do Ensino Fundamental e no 1º ano do Ensino Médio, bem como por letras de canções intituladas pop românticas, as quais são bem conhecidas pela maioria dos jovens. Os alunos serão indispensáveis na análise do significado das palavras que escolhemos das músicas, assim como essenciais para que entendamos como estão sendo produzidos os conceitos de gênero em nossa sociedade, em específico, conceitos relacionados à figura feminina, que é a que mais nos interessa nesse estudo e o ser que mais é retratado nas canções escolhidas para comporem o corpus desse trabalho.

Toda a dissertação tem um objetivo principal, que norteia a pesquisa e, em nosso caso, não seria diferente. Pretendemos, com base em teorias enunciativas, teorias de gênero social e com base nos significados de palavras, que serão determinados pelos alunos e alunas participantes desse estudo, reafirmar duas realidades: o fato de língua não poder ser estudada no mundo fechado da forma, do qual nem sempre

se extraem significados compreendidos e aceitos pelos falantes e o fato de que, embora a concepção do gênero feminino tenha se modificado, ainda há marcas muito fortes de preconceito com relação à mulher em nossa sociedade.

Os propósitos apresentados nesta dissertação foram os definidores de sua estrutura. Dessa forma, no primeiro capítulo, procuraremos destacar todos os pressupostos teóricos necessários para que possamos conseguir comprovar nossos dois objetivos. Primeiramente, faremos um breve percurso da história das mulheres ao longo do tempo, a fim de que possamos notar o que se modificou, no passar dos séculos, com relação aos constructos do feminino. Também promoveremos um debate entre autores que estudam as teorias sócio-culturais de gênero, com o intuito de situar, para o leitor, o lugar de onde analisaremos as mulheres descritas no material apresentado no corpus. Igualmente, nesse capítulo, discutiremos a relação entre linguagem e gênero e, por fim, refletiremos acerca da importância da teoria dialógica de Bakhtin para os estudos sobre o significado dos signos quando relacionados aos sujeitos femininos. Além disso, definiremos, nessa parte da dissertação, a concepção lingüística com a qual iremos trabalhar, assim como elegeremos um autor para embasar nossas análises. Essas terão como base um estudo da língua pelo viés da enunciação, que compreende teorias que têm a preocupação de analisar a atividade lingüística do falante de forma a inserir, nos estudos da linguagem, alguns conceitos antes excluídos. O conceito que nos interessará, em particular, nos estudos enunciativos, será o relativo ao significado¹ das palavras, o qual será analisado com base na teoria enunciativa de Bakhtin, pensador russo que formulou pressupostos extremamente importantes sobre a linguagem. O que discutiremos, da teoria bakhtiniana, serão os conceitos

¹ É preciso salientar que, em nossa introdução, utilizamos os termos sentido, significado e significação como sinônimos para evitar a repetição de um ou outro embora saibamos que, nos estudos lingüísticos, cada um desses termos é conceituado de maneira diferente.

relativos à dupla forma de significar postulada por ele: o tema e a significação.

No segundo capítulo desta dissertação, apresentaremos o corpus da pesquisa, os sujeitos participantes do trabalho e traçaremos a maneira como analisaremos o material selecionado.

Nosso terceiro capítulo se constituirá do estudo analítico do corpus, no qual se efetuará, inicialmente, uma compreensão informal das letras de música, isto é, sem a aplicação dos pressupostos bakhtinianos. Após essa primeira análise das canções, aplicaremos a teoria sobre significação de Bakhtin em vocábulos extraídos das letras de música. Ainda nessa parte da dissertação, teceremos algumas conclusões parciais a respeito dos resultados da pesquisa.

Para concluir nosso trabalho, faremos considerações mais abrangentes sobre a pesquisa, tentando alertar a todos os interessados, em estudos sobre a linguagem, para a seguinte realidade: a língua não pode ser considerada uma estrutura dotada de significados preestabelecidos, somente aqueles existentes em dicionários, pois a enunciação, ainda que escrita, pode nos revelar significados novos, verdadeiros apenas para o sujeito que enuncia ou para o grupo social em que ele está inserido, mas que devem ser considerados como verdadeiros, possíveis. Igualmente, ao finalizar nosso trabalho, tentaremos alertar a todos para o fato de que, embora a mulher esteja, em materiais lingüísticos, como canções populares, sendo representada de maneira diferente, não mais subjugada pelo homem, ainda há constructos femininos baseados em conceitos historicamente ligados às mulheres e que denotam um preconceito muito grande com relação aos sujeitos femininos. Tais preconceitos, por sua vez, podem ser amenizados se nos comprometermos, enquanto educadores e educadoras, a contribuir para que as desigualdades entre os gêneros percebidas, por excelência, na linguagem, não sejam naturalizadas por nossos alunos.

1 PRINCÍPIO DA TRAVESSIA: DESCORTINANDO O CONHECIMENTO

Neste primeiro capítulo de nossa dissertação, traçaremos o percurso teórico que servirá de base para a análise das letras de música e das enunciações dos alunos. Tal análise será feita no segundo capítulo desse trabalho.

Primeiramente, faremos um percurso histórico em que será delineado, ainda que não de forma extremamente aprofundada, a história das mulheres ao longo do tempo. Com esse percurso da trajetória feminina, chegaremos até o século XX, momento em que começam a se modificar, com a ajuda dos movimentos feministas, os estereótipos relacionados ao sujeito feminino. Muitas mulheres, nessa época, impelidas pelo desejo de igualdade entre homens e mulheres, iniciaram estudos que contribuíram profundamente para que ocorressem modificações em nossa sociedade: as teorias sócio-culturais de gênero. Dedicaremos um subcapítulo às teorias de gênero para que possamos entender, em nossas análises, as representações femininas apresentadas nas composições, reafirmadas ou não, pelas enunciações dos alunos.

Em um segundo momento, traçaremos comentários sobre a lingüística inaugurada por Saussure. Após um breve passeio pela lingüística estruturalista, iniciaremos nosso estudo sobre as teorias

enunciativas, em específico, a enunciação postulada por Bakhtin em seus trabalhos acerca da linguagem. Nosso interesse maior recairá nos conceitos de tema e significação formulados por esse autor.

Concluiremos nossa revisão de literatura estabelecendo uma relação entre o conceito bakhtiniano de linguagem e as teorias de gênero, focando, em especial, as representações dos sujeitos femininos.

1.1 Os lugares ocupados pelas mulheres e os sentidos possíveis para o sujeito feminino ao longo do tempo

“A melhor mulher é aquela que menos fala”

Péricles

A epígrafe acima denota o que, por um longo tempo, foi o pensamento humano sobre o papel da mulher nas mais diferentes sociedades. Menciono a palavra humano para chamar a atenção ao fato de não somente os homens, por um longo tempo, terem acreditado- e ainda acreditarem- que os seres do sexo feminino deveriam não participar de nenhuma decisão no mundo em que viviam, mas também para ressaltar o fato de que muitas mulheres, em diferentes épocas, incorporaram a idéia de que deveriam ser obedientes, passivas e conformadas com o papel que a elas tinha sido reservado nos espaços em que habitavam.

No entanto, a indiferença com o sujeito feminino nem sempre foi o sentimento que ordenou a vida dos homens. Nas sociedades arcaicas, as pessoas viviam regidas pelo regime matricêntrico, no qual a mulher era o centro de tudo por causa da maternidade.

O homem não sabia o seu papel na procriação e pensava que as mulheres pariam dos deuses. (Até hoje, em pleno século XXI, existem comunidades primitivas que não sabem qual o papel do homem no processo reprodutivo...) Como as mulheres eram mais prestigiadas naqueles grupos, muitas vezes, elas os governavam. E o faziam por meio da persuasão e do consenso. (MURARO, 2003, p.13-4)

A maneira como as mulheres governavam, nesse período longínquo, não era individualista, com vistas ao poder, já que os interesses do grupo estavam acima da satisfação pessoal de quem governava. Esse clima não competitivo permitiu que não houvesse disputas de poder entre homens e mulheres. Havia, então uma harmonia, sendo a mulher não superior, porém idolatrada por gerar a vida, o que era considerado um dom divino.²

Infelizmente, o período de total harmonia, em que nem mesmo havia falta de alimentos não durou por muito tempo, sendo substituído pela denominada Sociedade de Caça. Com a escassez de alimentos, os homens começaram a disputar comida com as tribos vizinhas. Nesse instante, não é mais possível se governar com, digamos, a diplomacia feminina, pois o melhor guerreiro é aquele que tem maior força física, o que fez as mulheres passarem a ficar mais isoladas do espaço público. Passa a não existir mais, dessa forma, o rodízio de liderança que havia nas sociedades arcaicas, tornando-se chefe o homem com maior força física, capaz de demarcar espaços e obter alimentos para sua tribo.

Muraro (2003) afirma que, na Sociedade de Caça, o homem começou a demonstrar ter inveja do poder de procriação da mulher. Com intuito de demonstrar superioridade com relação às mulheres, duas cerimônias foram inventadas nessa época: a couvade e a iniciação masculina. O primeiro rito consistia em o homem, após a mulher parir, tirá-la da cama, deitar-se com a criança e esperar as visitas, ao passo que

²Nessa época o homem ainda não tinha idéia de seu papel na reprodução.

a mulher deveria voltar a trabalhar. Já o segundo ritual se dava da seguinte maneira: quando o menino chegava à puberdade, os homens mais velhos levavam-no à casa dos homens, onde ocorria o rito de iniciação, o qual, muitas vezes, configurava-se como uma imitação do ritual do parto. No momento que o homem, uma expressão usada por Muraro, “paria a si mesmo”, tornava-se livre das mulheres e começava a exercer sua supremacia com relação ao sujeito feminino. (p. 17)

Segundo Oliveira (1999), os rituais acima podem ter muitos significados, que vão desde a retirada da criança dos braços da mãe para inseri-la no mundo dos homens, até a significação relacionada a um segundo nascimento do homem, mas para o mundo social. Todavia, para essa autora, tais ritos representavam, essencialmente, o fato de o feminino ser o infantil e o natural enquanto o masculino significar o que é adulto e social. (p. 36).

Surgia, dessa forma, uma sociedade em que a divindade feminina, responsável pela fertilidade, passava a ter um papel secundário, já que era o homem, dotado de força física, que lutava pela presa e pela terra como se fosse um deus.

Referindo-nos um pouco mais aos mitos que ainda rondam a imaginação humana, podemos recordar o mito de Pandora³, considerado o mito da criação. Tal mito grego nos dá a entender que a mulher teria nascido para destruir a harmonia existente entre os deuses e os mortais, pois, devido à sua curiosidade, teria deixado escapar da caixa todos os sentimentos negativos que viriam a fazer parte da história dos homens.

³ Diz a lenda que homens e deuses viviam em quase que perfeita harmonia. No entanto, certa vez, durante um banquete em comum, Prometeu, filho de um Titão, resolveu zombar de Zeus, o que gerou muitas disputas entre os imortais (deuses). No decorrer do conflito, Prometeu decide roubar o fogo do Olimpo e presentear-lo aos humanos. Isso gerou a ira de Zeus, que decidiu, para se vingar, presentear os mortais com a mulher. Essa se denominava Pandora, moldada por todos os deuses do Olimpo, que trazia consigo uma caixa fechada, de onde, mais tarde, ela deixaria escapar todos os males do mundo, restando, dentro do objeto, apenas a esperança.

Chassot (2003), ao discorrer sobre a pouca participação da mulher nas ciências no decorrer dos séculos, alerta-nos que a explicação para essa ínfima participação do sujeito feminino nessa área pode estar em nossa tradição judaico-cristã, em especial, no mito da criação. Segundo esse mito fundador, Eva teria nascido de uma costela torta de Adão, o que pode representar a submissão da mulher com relação ao homem. Além disso, fora ela a responsável pela perda do paraíso, pois teria dado crédito à serpente, o que demonstrava sua fraqueza, sua inferioridade diante de Adão, que jamais comeria do fruto proibido.

Devemos recordar, igualmente, que, na Bíblia, há outro mito feminino que ainda povoa a mente de muitas pessoas: a figura de Maria Madalena. Na Bíblia, sua imagem está, geralmente, associada à mulher pecadora ou a da esposa adúltera que seria apedrejada, mas que teria sido salva por Jesus. Segundo André Chevitaese apud Moturama, em depoimento à revista *Religiões*:

A falta de associação com nomes masculinos manchou a reputação de Maria Madalena. 'A cultura judaica do século 1 insere-se nas culturas mediterrâneas baseadas na honra e na vergonha, em que as mulheres estão sempre sob tutela. Enquanto solteiras, sob a tutela dos irmãos; casadas, sob a tutela dos maridos. Por viver sozinha, estava implícito que era uma mulher que não seguia os preceitos'. (p. 24)

Maria Madalena seria para sempre considerada como a mulher que se desviara⁴ do padrão, a qual deveria ser morta por ter traído seu marido ou que não merecia respeito por não serem conhecidas suas origens familiares ou por ser uma prostituta. Ela seria o contrário de Maria, a mãe

⁴ Atualmente, Maria Madalena não é mais considerada, em algumas religiões, uma pecadora. Alguns estudos revelam que ela foi, na realidade, uma das mais fervorosas discípulas de Jesus e um símbolo da liderança feminina no Cristianismo. (MOTURAMA, 2004, p. 23)

casta de Jesus. Eva teria desobedecido às ordens de um Deus superior. Maria Madalena e Eva foram vozes femininas abafadas por violarem as normas ditadas por uma sociedade regida pelo poder masculino.

Após discorrermos sobre mitos que podem explicar o lugar inferior que, em geral, as mulheres ocupam nas diversas sociedades, voltemos ao período que sucede as Sociedades da Caça, a era histórica propriamente dita. Em nosso período histórico, foi efetivado o domínio do espaço público pelos homens devido às batalhas que travavam por alimentos e pela demarcação de espaços. Nesse momento, a mulher começou a ter uma vida mais restrita ao âmbito doméstico. Ao perceber que seria necessário demarcar suas terras para que pudesse trabalhar (arar, plantar) seu próprio espaço, deixando, portanto, de ser nômade, o homem passou a formar as primeiras aldeias, que foram seguidas por cidades, estados e impérios. Assim, foi demarcado o período histórico, que viria a reafirmar o poder de dominação do homem sobre a mulher.

Foi-se o tempo em que o alimento procurado era apenas para o sustento da tribo ou comunidade. Com a chegada dessa nova época, começaram a surgir os alimentos excedentes, que eram vendidos ou trocados. Logo, surgiram os poderosos, que eram aqueles que mais acumularem bens e mais escravos, dentre os quais estavam incluídos os prisioneiros de guerra, escravizados pelos vencedores.

Como o homem antigo já havia descoberto o seu papel na reprodução, aproveitando-se do fato de ter maior força física, passa a dominar a sexualidade feminina. Durante essa época, a mulher que tivesse um filho fora do casamento poderia ser condenada à morte, visto que a linhagem era transmitida pela família do homem. Dessa forma, havia um intenso controle dos atos femininos, sendo que as mulheres deveriam sair virgens das mãos de seus pais e chegar virgens às mãos de seus futuros esposos. Surge, nesse instante, a sociedade patriarcal, um sistema de relações sociais que confere ao homem poder sobre a mulher. (MURARO, 2003, p. 23-4).

Inaugura-se um período marcado pela quase que total exclusão da mulher dos espaços públicos da sociedade. As mulheres, que nas sociedades arcaicas possuíam liberdade e prestígio, passam a cuidar exclusivamente da casa e dos filhos. Dessa forma, seu espaço de circulação e ação ficou restrito ao ambiente doméstico. Apenas ao homem era dado o direito de circular nos espaços públicos da sociedade.

Muraro (apud HISSA, 2000) pontua que, no início do Período histórico:

No que diz respeito à mulher, as normas de conduta eram bastante severas: ela ficava restrita ao espaço do lar, não podendo ter ligações emocionais com o marido. A frigidez era a garantia de sua conduta ilibada; enfatizava-se a castidade das esposas, enquanto as prostitutas, quase sempre oriundas de classes menos favorecidas ou de povos vencidos, encarregavam-se das artes sexuais. Sob a égide do patriarcado, as mulheres dividiam-se em dois grandes grupos: Mulheres privadas (mães de família versadas na arte doméstica) e mulheres públicas (especializadas na arte do sexo). A função da mulher era ter filhos e educá-los, pois quanto mais gente melhor; mais braço para trabalhar a terra e livrá-las das garras do inimigo. (p. 508-9)

Nesse momento, passa a ficar cada vez mais vivo, nas sociedades, o binômio mulher casta (esposa dedicada ao lar) versus mulher profana (prostituta usada para saciar os desejos carnis). Essa dicotomia, infelizmente, ditará a diferença entre mulheres por um longo tempo, inclusive em pleno século XXI.

Durante a Antigüidade, os egípcios parecem ter sido o único povo em que as mulheres reinaram. Nessa época, tanto homens como mulheres poderiam ser reis. Além disso, as mulheres tinham o direito de ser sacerdotisas e, até mesmo, guerreiras, sendo Cleópatra um dos maiores exemplos do poder feminino nesse período.

As eras se seguem e surge o Império grego. Na Grécia, embora as mulheres espartanas tivessem acesso ao espaço público, o poder masculino foi se fortalecendo cada vez mais. Ao ser feminino cabia não somente cuidar do lar, mas também realizar outros trabalhos pesados, como a extração de minerais, e cuidar da subsistência da família. Para ilustrar o domínio do homem sobre ela, basta lembrar que, caso a mulher perdesse a virgindade antes do casamento, seu pai poderia vendê-la como um escravo. (HISSA, 2000, p. 509)

A mulher grega podia circular nos espaços públicos, entretanto, tal fato não fez o poder masculino se dissipar.

A literatura grega construiu para a mulher imagens com alguns traços significativos: às vezes, ela a vê como um ser que não controla suas paixões, fraca diante do apelo de uma parte inferior da alma; outras, em que mostra valor, transforma-a em uma virago; se fala ou age bem, dela se diz que falou ou agiu como um homem; se destaca é porque ultrapassou o padrão feminino de conduta e ingressou no universo do homem à medida que atingiu os seus valores e medidas. (BARROS, 1997, p. 52)

De qualquer maneira, o sujeito feminino, nesse período da nossa história, tinha suas ações, senão controladas, atribuídas a características masculinas, ou seja, a mulher que atingisse um padrão superior de inteligência ou força deveria estar possuída por um espírito masculino.

Avançando um pouco no tempo, após a decadência do Império romano, instalou-se a doutrina cristã, que viria a reforçar valores como o casamento. Inicia, então, na Idade Média, época em que as mulheres virgens eram idolatradas, já que a pureza era tida como um valor que não deveria ser maculado para que a mulher não recebesse a morte como punição. Hissa (1999) afirma que, nesse período, embora as mulheres tivessem uma importância muito grande para seus maridos, pois

assumiam, por exemplo, seus negócios quando esses saíam para guerrear, deveriam se submeter às ordens de seus esposos, que poderiam, até mesmo, espancá-las. (p. 511)

Houve, é necessário lembrar, na Idade Média, o período das Cruzadas, que durou, aproximadamente, quatro séculos. Durante esse espaço de tempo, poucos homens ficaram nas cidades. Assim, algumas mulheres passaram a governar cidades, estados e a dominar a cultura vigente, assumindo lugares importantes na sociedade. No momento em que os homens voltam das Cruzadas, influenciados ou não pela igreja, querendo tomar posse de terras que estavam habitadas por mulheres, é instaurada a caça às bruxas, um episódio que gerou o assassinato de milhares de mulheres em toda a Europa. Essas foram queimadas em fogueiras por se suspeitar que tivessem poder de curar, salvar as pessoas de alguma chaga, um poder de salvação restrito à igreja. Reafirmou-se, novamente, o poder da doutrina patriarcal, mas, nesse momento histórico, reforçado pela doutrina cristã. Eram homens⁵, religiosos ou não, calando mais uma vez os ecos de vozes femininas, que, após esse genocídio coletivo, voltaram ao espaço doméstico, para cuidar de seus filhos e esposos.

A fim de restabelecer a ordem européia, no século XVI, a igreja lançou uma espécie de movimento favorável à exaltação do amor romântico. Esse foi um momento, de certa forma, de libertação da figura feminina, já que às mulheres foi concedido o direito de escolherem os homens com quem desejassem casar. Costa (2002) afirma que o Romantismo foi o período em que mais se deu projeção à mulher na sociedade. Entretanto, apenas era digna de enaltecimento a mulher

⁵ O historiador Martin Van Creveld, em sua obra "Sexo privilegiado: o fim do mito da fragilidade feminina", contesta a culpabilidade do homem pela morte de milhares de mulheres durante a Inquisição. Segundo ele, há documentos históricos que comprovam que, geralmente, quem denunciava mulheres feiticeiras eram outras mulheres. Dessa maneira, de acordo com esse historiador, " Entre outras coisas, a caça às bruxas era deliberadamente usada por mulheres para atingir outras mulheres; e essa pode ser uma explicação para o fato de a maioria dos acusados de bruxaria ser do sexo feminino" (2004, p. 52).

ingênua, a virgem donzela. A prostituta, a que não renunciava aos prazeres da carne, continuava vivendo à margem da sociedade, um objeto para ser deleitado no domínio privado, às escondidas.

Durante o Romantismo, as mulheres que possuíam alguma escolaridade passaram a fazer parte do grupo de leitores dos romances publicados. Além disso, a essas foi permitida a freqüência aos salões, no quais deveriam exibir seus belos vestidos, além da cultura adquirida nos folhetins.

Esses avanços femininos retrataram uma espécie de decadência do domínio do homem sobre a mulher, isto é, da sociedade patriarcal.

O Iluminismo, no século XVIII, foi uma época marcante por ter havido uma valorização do ser humano de maneira igual, não apenas do sujeito masculino e detentor de uma grande extensão de terras. Esse momento marca a valorização das pessoas que não tinham posses e do sujeito feminino. Soma-se a isso o fato de que tal mudança

agregou novamente poder à maternidade e fez da mulher a líder da família. Instalou-se uma situação ambígua: dentro de casa, vigorava uma espécie de comando matriarcal. Mas, do lado de fora, nas relações sociopolíticas, ainda imperava o patriarcado. (BONUMÁ & SOALHEIRO, 2004, p. 77)

Notamos que, certamente, nesse momento histórico, as mulheres viviam em melhores condições que na Idade Média. Todavia, a figura feminina, mesmo a virgem idolatrada ou a que dominava o espaço doméstico, somente poderia ter a autonomia concedida pelo homem, assumindo papéis sociais que lhes fossem permitidos.

No final do século XVIII, é inventada a máquina a vapor, o que gerou a abertura de indústrias. Irrompeu, então, a Era Industrial, em que os donos de fábricas necessitavam de mão-de-obra para fabricar produtos em larga escala. Ocorre, nesse momento, uma mudança radical

na vida dos homens, entretanto também muda a situação econômica e cultural da mulher, pois essa, ainda que recebendo salários inferiores aos de seus colegas do sexo masculino, passou a trabalhar nas fábricas e, portanto, a ocupar um espaço antes estritamente reservado aos homens. Nessa mesma época, iniciou-se a formação de sindicatos masculinos, que contestavam o poder econômico de um grupo isolado, e foi redigido o primeiro manifesto feminino, no qual elas "denunciavam a sua opressão e reivindicavam o direito de voto, de educação, de emprego, as primeiras condições de uma cidadania plena". (MURARO, 2003, p. 32)

No século que sucedeu, aos poucos, as condições de trabalho de homens e mulheres foram melhorando. Porém, apenas no final do século XIX as mulheres americanas tiveram direito ao voto, direito concedido ainda mais tarde às brasileiras, no ano de 1932⁶, época em que governava o país Getúlio Vargas. Faz-se necessário lembrar que esse direito ao voto somente se efetivou em 1946, momento em que acabou a ditadura getulista em nosso país.

Certamente, mudanças ainda mais significativas vieram a acontecer durante o século XX: um número elevado de mulheres no mercado de trabalho e a elas foi concedido o direito de freqüentar o ensino superior⁷:

A participação nos cursos de 3º grau alterou a posição das mulheres no campo social, refletindo-se nas relações entre os sexos. É na universidade que, pela primeira vez, homens e mulheres participam, em situações de igualdade, das mesmas regras de

⁶ A luta pelo voto feminino, no Brasil, inicia em 1920, com o movimento das sufragettes, comandado por mulheres da classe alta (geralmente médicas, poetisas, pintoras, engenheiras...), as quais clamavam por uma maior participação política das mulheres na sociedade. Antes de 1932, também o político Juvenal Lamartine, do estado do Rio Grande do Norte, mudou o código eleitoral de seu estado e solicitou mudanças na Constituição Federal para que as mulheres pudessem votar. (AVELAR, 200, p.19-20)

⁷ A partir da metade do século XIX, as mulheres passaram a freqüentar escolas primárias e secundárias, mas, nesses estabelecimentos de ensino, em geral, recebiam uma educação diferente da ministrada aos homens. O ensino destinado a elas objetivava, acima de tudo, ensinar-lhes prendas domésticas.

ingresso e avaliação e partilham o conhecimento e o debate. A profissionalização das mulheres tem forte impacto no comportamento, nos códigos de sociabilidade e nas expectativas familiares e coletivas do lugar e do papel social feminino, resultando na construção de uma nova subjetividade feminina. (BARROS, 1999, p. 32).

Essa nova subjetividade feminina fez as mulheres de boa parte do mundo reativarem um desejo nascido no início da era Industrial: a organização de movimentos feministas. Então, nos Estados Unidos, em 1968, uma centena de mulheres saíram às ruas para protestar contra a ditadura da beleza imposta aos sujeitos femininos. Em uma tentativa de demonstrar que não estavam dispostas a seguir preceitos ditados por uma sociedade que somente se importava com o a aparência feminina, ignorando o que elas pensavam, mulheres colocaram uma lata de lixo em praça pública, e, dentro dessa, diversos tipos de símbolos da feminilidade, como revistas femininas, cílios postiços, sutiãs, que seriam queimados em sinal de protesto, destruição que, na verdade, não aconteceu.

Mesmo que a queima de sutiãs não tenha sido efetivada, talvez esse tenha sido o grito feminino que mais tenha ecoado na sociedade e o que levou mulheres de várias partes do mundo a participar ativamente de movimentos que buscassem a igualdade entre os sexos. Juntamente com os movimentos estudantis e com os movimentos raciais, o mundo passou a perceber que a vida tranqüila dos senhores do capitalismo e dos homens que se julgavam superiores às mulheres e aos negros (em muitos lugares tratados ainda como escravos) daqui para frente teria contornos diferentes.

Referindo-se em específico aos movimentos feministas, esses permitiram, pela primeira vez, que a mulher se desvinculasse de amarras passadas, que a consideravam um ser impossibilitado de circular nos espaços sociais. Foi uma maneira de denunciar a exploração feminina em todas as esferas da sociedade.

Hoje, em pleno século XXI, percebemos que as mulheres puderam conquistar todos os espaços sociais. Assim, elas não precisam mais organizar suas vidas pensando no que lhes é ou não permitido fazer. O filósofo francês Lipovetsky (2000) chama o sujeito feminino atual de mulher “indefinida”, pelo fato de que ninguém tem, como ocorria antigamente, o poder de pré-determinar seus caminhos. Essa indefinição também é explicada pela constatação de que, no mundo atual, existem diversos perfis de mulheres. Dessa forma, temos a liberdade para seguir nossos próprios caminhos: podemos casar ou não, podemos trabalhar fora de casa, podemos ter filhos sem ter um parceiro fixo, podemos estudar em que área quisermos...

Todavia, essa liberdade de escolhas não gerou somente conseqüências positivas. Concordando com o que afirma Oliveira (1999), a mulher do século XXI atrapalhou-se um pouco na sua busca pela igualdade de direitos, pois, atualmente, em muitas situações, notamos que ela deseja exercer supremacia com relação ao homem. Dessa forma, o que era para ser um diálogo passou a ser uma inversão daquilo que ocorria nas sociedades patriarcais: mulheres querendo tornar homens subordinados aos caprichos do sexo feminino.

E foi assim que essa igualdade nasceu capenga e a relação entre os sexos resultou numa estranha conta a somar: feminino + masculino = masculino. A crise de identidade psicossocial das mulheres, fermento do feminismo, é o resultado desse feminismo de soma zero. Essa crise é tanto mais perceptível quanto mais as mulheres se afirmam na vida intelectual e profissional. (OLIVEIRA, idem, p. 56)

Não estamos querendo, é claro, anular o fato de que, durante a trajetória que traçamos do papel feminino, ao longo dos séculos, a mulher obteve um menor número de ganhos se comparado ao que foi conquistado pelos homens, já que isso é incontestável, entretanto,

queremos apenas alertar para uma realidade: a luta por igualdade entre os sexos, talvez, tenha se transformado em uma luta pela supremacia feminina, justamente o poder dominador que, por um longo tempo, criticamos nos homens.

Independente do lugar ocupado, do momento histórico vivido, ser mulher é uma definição que a humanidade tentou aprisionar, atribuir um significado uno, sem, contudo, perceber que, mesmo subjugadas, as figuras femininas sempre definiram suas formas de existir em livros com diferentes finais felizes.

1.2 Teorias de gênero: adeus à armadilha da condição biológica

A partir dos movimentos feministas do século XX, as mulheres promoveram uma nova discussão a respeito das relações entre os sexos em nossa sociedade. Ao buscar inserir novos valores referenciais sobre a figura feminina, as feministas passaram a utilizar um conceito de gênero diferente do tradicional, o qual considerava as diferenças entre os sexos uma consequência unicamente de fatores biológicos. O novo conceito de gênero adotado pelas militantes feministas considera as desigualdades entre os sexos como oriunda de fatores histórico-culturais. Dessa maneira, ser homem e ser mulher é algo que somente pode ganhar significado dentro da *teia social* (SCHNEIDER, 2000, p. 119).

Nas palavras de Barros (1999):

Os estudos feministas partilham, com as ciências sociais, incertezas inerentes ao processo de conhecimento. Buscam novas balizas que não reproduzam a dominação. Diferem dos demais estudos, não porque adotem outros métodos, mas sim, porque incluem a noção de sexo e suas implicações culturais como variável e categoria de

análise. Empenham-se na reconstrução e redefinição da racionalidade científica, na articulação das questões femininas às determinações históricas e políticas. (p. 42)

De acordo com Louro (1995), o conceito de gênero pretende chamar a atenção para o fato de que ser homem e ser mulher não é algo definido no instante em que nascemos, mas é uma construção definida conforme o momento histórico, a cultura, a sociedade em que estamos inseridos. Dessa maneira, homens e mulheres são construídos de maneiras diversificadas. (p. 102)

Entretanto, inicialmente, os estudos de gênero não eram respaldadas apenas por uma teoria. Na realidade, havia três correntes de pensamento que serviam de subsídio para os estudos das relações entre homens e mulheres: as teorias do patriarcado, as teorias baseadas na tradição marxista e as teorias psicanalíticas.

Os estudos de gênero que tinham como suporte as teorias do patriarcado⁸ defendiam que a subordinação da mulher ao homem resultava da necessidade de dominação do sexo masculino sobre o feminino. Segundo essa corrente de estudos, o homem dominaria a mulher por essa ter o corpo menos desenvolvido, ciclos biológicos mais complicados, por causa da maternidade, etc. Dessa forma, a mulher teria caído na armadilha de sua própria condição natural, sendo usada apenas como objeto de prazer para o homem.

Para Astelara (apud PETERSEN, 1989), os estudos mais sistemáticos e aprofundados sobre o sistema de dominação patriarcal possibilitaram que se elaborassem esquemas para entender como foram sendo, paulatinamente, construídas as relações entre homens e mulheres. Além disso, os estudos sobre esse sistema de dominação tiveram, ao menos, três conseqüências: 1) denotaram a necessidade de se transformar o feminismo em um movimento político; 2) alertaram sobre

⁸ Também conhecida como feminismo radical.

a complexidade da doutrina patriarcal, assim como sobre o seu amplo domínio, mostrando que havia a necessidade de se criar um movimento forte, que pudesse se contrapor ao domínio masculino; 3) esclareceram que, para que o domínio do homem acabe, é necessário que se atue no mundo privado, em especial, nas famílias, que acabou por se converter na instituição mais estudada pelas feministas.⁹

A segunda visão que fundamentava os estudos de gênero era a oriunda da tradição marxista. Conforme os estudiosos que orientavam suas análises nessa tradição, a supremacia do homem com relação à mulher teria iniciado no momento em que passou a existir a propriedade privada e a família monogâmica.

As feministas que se apoiavam na tradição marxista acreditavam que o casamento monogâmico teria aprisionado literalmente as mulheres dentro de seus lares. A essas caberia cuidar dos filhos enquanto seus maridos trabalhavam fora para conseguir acumular dinheiro e sustentar a família. Portanto, os estudos de gênero baseados no marxismo defendiam que as diferenças entre os sexos teria uma origem econômica.¹⁰

A terceira corrente norteadora dos estudos das relações entre homens e mulheres era a teoria psicanalítica. Os estudos psicanalíticos que tentavam explicar as relações diferenciadas no tratamento dos sexos eram divididos em duas escolas: a anglo-americana e a escola francesa. Independente da corrente, as duas escolas tinham, como preocupação

⁹ As teorias de gênero que utilizam o sistema patriarcal para explicar a posição inferior ocupada pelas mulheres nas sociedades ocidentais receberam algumas críticas de historiadores. A crítica mais comum é o fato de essas teorias basearem suas análises em diferenças relacionadas ao aspecto físico, que são justificadas pelo poder masculino sobre a reprodução feminina ou pelo fato de o homem usar o corpo da mulher como um simples objeto por ser mais forte que ela. Para esses historiadores, analisar a subordinação do sexo feminino, com base em diferenças corporais, seria atribuir um caráter imutável para o corpo, o que não levaria em conta construções sociais, culturais e históricas. (SCOTT, 1995, p. 78)

¹⁰ É necessário salientar que, com a instauração da propriedade privada, no início da Era Industrial, a mulher, em alguns casos, também era recrutada a trabalhar fora de casa, mas seu trabalho não era tão valorizado como o masculino. Além disso, as mulheres inseridas, no mercado de trabalho, não podiam se descuidar do cuidado com a casa e com os filhos.

principal, os processos pelos quais se cria a identidade dos sujeitos. Segundo Scott (1995, p. 80), “ambas se centram nas primeiras etapas do desenvolvimento da criança a fim de encontrar pistas sobre a formação da identidade de gênero”.

De maneira sucinta, podemos dizer que a escola anglo-americana defendia que seriam as experiências concretas das crianças, isto é, aquilo que elas viam, ouviam, como elas se relacionavam com quem as cuidava, em específico com seus pais, que determinavam as relações de gênero. Já os adeptos da escola psicanalítica francesa acreditavam que a linguagem teria papel determinante na comunicação, na interpretação e nas relações de gênero.

Embora muitos estudiosos acreditem que as três correntes em que se baseavam os estudos feministas sobre gênero apresentavam falhas na maneira como interpretavam a subordinação feminina com relação ao homem, certamente todas contribuíram para que se dissipasse a idéia de que as diferenças entre os sexos são, unicamente, determinadas por fatores biológicos, o que representou um avanço importante nas análises de como, de fato, o sexismo é gerado no seio das sociedades. Corroborando com essas afirmações, Petersen (1999) diz que:

Evidentemente, os avanços na compreensão da condição feminina foram importantes. Abandonou-se o determinismo biológico implícito no uso dos termos sexo e diferença sexual. Transitou-se de estudos da mulher (um objeto de análise quase isolado) para estudos que enfocavam mulheres (grupo plural, heterogêneo, mas dissociado da outra metade da sociedade -os homens) para estudos de gênero preocupados com a construção sócio-cultural e política da desigualdade entre homens e mulheres. (p. 37)

Dessa forma, os estudos de gênero, seja em que teoria tenham se fundamentado, deslocaram o foco de estudo das diferenças entre os sexos para um plano bem além das características femininas e masculinas geneticamente comprovadas. A partir dos trabalhos feministas, o significado de ser mulher passou a ser apreendido das relações sociais, culturais e históricas que fundam as diferentes sociedades. Ao se considerar esses três aspectos, o que os estudiosos de gênero querem comprovar é que o perfil feminino, por ser delineado por diversos fatores, não pode ser estereotipado, isto é, não podemos acreditar que todas as mulheres tenham as mesmas características. Logo, é impossível continuar acreditando que toda a mulher tenha de ser cordata, passiva, subjugada ao homem, características que universalmente foram e ainda são atribuídas aos seres do sexo feminino.

Estabelecendo uma relação com o subcapítulo anterior desta pesquisa, no qual inventariamos momentos da história das mulheres, é impossível acreditar na mulher como um ser homogêneo, determinado por características biológicas, pois, se isso fosse possível, como explicar o poder, por exemplo, de mulheres como Cleópatra, que governou um reino inteiro sozinha? Será que ela era biologicamente diferente das demais mulheres de sua época? Certamente, ela apenas nasceu e viveu em um momento histórico, em uma sociedade regida por uma cultura que permitia às mulheres governarem suas nações.

É necessário enfatizar, antes de concluir esse subcapítulo, que, atualmente, há estudos de gênero centrados na condição masculina por terem os estudos de gênero um caráter relacional. Conforme Gonçalves (1998),

da mesma maneira que se descobriu não ser possível falar de mulheres pressupondo uma identidade universal entre elas, também procura-se indagar que tipo de homem está por trás de discursos aparentemente niveladores. (p. 58-9)

Na verdade, nos estudos de gênero atuais, não há pesquisas apenas sobre as relações homem-mulher pensando-se em um sistema binário e polarizado. Existem estudos sobre como funciona o sistema de relações sociais, e, nesse sentido "homem-homem, mulher-mulher, homem-mulher, em que fatores tais como raça, classe, idade, etc, compõem esta trama" (GONÇALVES, 1998, p. 51).

1.2.1 As relações entre linguagem e gênero: o fim do mito da unicidade feminina?

Muitos estudos sobre a relação entre linguagem e gênero têm sido feitos, principalmente, desde que as feministas passaram a estudar as formas como os homens, ao longo dos séculos, utilizaram para subjugar as mulheres. Algumas feministas consideram que a discriminação lingüística, com relação aos seres do sexo feminino, é algo fixado historicamente; outras acreditam que a linguagem tem uma característica própria de ser opressora e que os homens usam-na como meio de oprimir as mulheres, sendo ela apenas mais um instrumento masculino de domínio do sexo "frágil".

Assim, ainda que as mulheres tenham mudado muito as relações entre os gêneros nos últimos séculos, parece-nos que a linguagem ainda continua a perpetuar diferenças notáveis entre homens e mulheres. Nas instituições sociais que freqüentamos, como as escolas, ainda nos são reforçados, através dos discursos pronunciados, o que representa ser homem e ser mulher. Ainda existem, por exemplo, professores que teimam em afirmar, para os alunos e alunas, que as atividades

domésticas estão relacionadas às mulheres e que o mundo do trabalho, fora de casa, ligado aos homens¹¹.

Louro (1999) pontua que a linguagem não apenas demarca os lugares ocupados por homens e mulheres por intermédio do ocultamento do ser feminino, no caso do uso da forma masculina como genérica¹², mas também pelas diferentes adjetivações que são atribuídas aos sujeitos. Dessa forma, ao denominarmos mulheres de frágeis e homens de fortes, estamos reforçando a doutrina que institui o poder masculino sobre a mulher. Sabemos que toda a realidade, conforme o pensamento científico ocidental e nossa tradição judaico-cristã, é fundada a partir de pares opostos. Assim, as pessoas pensam binariamente: passivo-ativo, dominado-dominador, emotivo-racional, etc, só que a formação desses pares quase sempre tem como base uma escala valorativa e, comumente, são formados pares que diferenciam homens e mulheres em termos de poder, sendo que aos homens são atribuídas características que denotam sua superioridade sobre a mulher.

Concordando com Pires (1997), acreditamos que:

Ao entendermos que a linguagem é um reflexo das relações sociais, podemos dizer que esta prioridade é também, por extensão, uma questão social e ideológica de primazia de um sexo sobre o outro. A normativa lingüística dissimula as práticas e relações de dominação (p. 108).

¹¹ Já presenciamos, em uma escola em que ministramos aulas, uma professora solicitar, quando uma aluna listou as atividades que um homem deveria fazer, como lavar a louça, varrer a casa, à aluna que escrevesse outra frase, com palavras mais apropriadas para se referir a um sujeito do sexo masculino. Dessa forma, percebemos o poder de perpetuação de valores masculinos e femininos por intermédio da linguagem, poder esse que continua sendo aceito por muitos sujeitos.

¹² A título de exemplo, algumas gramáticas da língua portuguesa explicam que, ao colocarmos determinados grupos de palavras no plural, como pai e mãe, aluno e aluna, devemos escrevê-los sempre no masculino plural. Assim, pai e mãe= pais e aluno e aluna= alunos. Essa seria uma espécie de regra universal.

A linguagem, assim, reproduz a maneira como os grupos sociais se relacionam e institui regras que, sem que muitas pessoas notem, acabam por reforçar as diferenças entre os gêneros. São distinções¹³ lingüisticamente produzidas que, na língua portuguesa, ainda continuam a servir de propagadoras da supremacia masculina.

Temos a crença, no entanto, que os reflexos da dominação masculina percebidos na linguagem vão além das dicotomias historicamente estabelecidas e do uso do masculino como genérico. Acreditamos que o significado das palavras, para os sujeitos que utilizam a linguagem, revela outras formas lingüísticas que ratificam as diferenças entre os gêneros. Tais diferenças, embora continuem a inferiorizar a mulher, também silenciam os homens, que não podem, por exemplo, ser denominados de sensíveis, pois esse atributo indica, preconceituosamente, quando se refere a seres do sexo masculino, uma tendência à homossexualidade. Da mesma maneira, em nossa sociedade, dizer que determinada mulher é rude, comumente, significa afirmar que ela não é tão feminina como as demais, portanto, que ela tem um comportamento “de homem”.

Apesar de todas as tentativas de anular o sujeito feminino ou fazê-lo parecer inferior ao homem, percebidas via os discursos pronunciados em nossa sociedade, acreditamos que teorias lingüísticas sobre o sentido dos vocábulos, como a formulada por Bakhtin, que discutiremos mais detalhadamente no outro subcapítulo, mostram-nos que a linguagem pode servir também como desmistificadora de padrões cristalizados no seio social. Ao considerarmos as representações lingüísticas dos seres femininos como produtos das diferentes vozes que definem esse sujeito, é possível notar que o estudo da linguagem dialógica pode nos ajudar,

¹³ Segundo Leitão (1981), também é nítida a distinção estabelecida entre homens e mulheres, na linguagem, quando usamos os pronomes de tratamento. O pronome senhor, por exemplo, na língua portuguesa, geralmente, é usado para fazer referência a todos os sujeitos do sexo masculino e não indica o estado civil do homem. No entanto, os pronomes senhora e senhorita funcionam, em nossa língua, como marcadores do estado civil da mulher, denotando a disponibilidade sexual da mulher.

aos poucos, a destruir o mito da unicidade feminina, o qual há muito ronda o pensamento dos seres das mais diferentes sociedades. Ora, sendo as mulheres pertencentes a diversos grupos sociais, cada um, dependendo de sua ideologia, terá conceitos diferentes do que representa ser mulher e tais conceitos, em consequência, serão de forma clara percebidos na maneira como os seres representam lingüisticamente os sujeitos femininos.

1.3 A linguagem na perspectiva dos estudos enunciativos de Bakhtin

Nos estudos lingüísticos do início do século XX, a língua era estudada como uma categoria abstrata, marcada por regularidades. Nesse período, foram excluídos dos estudos sobre a linguagem as questões relacionadas ao sujeito e à significação. A indiferença a esses dois aspectos era explicável, pois os estudos de Saussure e seus seguidores estavam orientados para o aspecto semiótico da língua, não para o semântico. Eles também não se interessavam pelas marcas da subjetividade na linguagem. O sujeito, assim, era objeto de estudo em outras áreas, como na filosofia, e o sentido era uma questão, de certa forma, ignorada, pois a língua era estudada enquanto um elemento abstrato.

O signo lingüístico não une uma coisa ao seu nome, mas um conceito a uma imagem acústica num vínculo arbitrário que remete a realidade, o referente, para o exterior do campo do estudo a fim de definir a perspectiva, por definição restrita, do lingüista. O signo saussuriano só envolve, portanto, a relação entre significado (o conceito) e significante (imagem acústica), com exclusão do referente. (DOSSE, 1993, p. 70)

Dessa maneira, o signo, para Saussure, teria uma significação delimitada e determinada pelos outros signos que compõem o sistema da língua. Nos estudos saussurianos, o signo seria passível de análise em uma cadeia sintagmática, horizontal, “entre elementos que regem a construção de frases” ou paradigmática, vertical, entre palavras que podem ser substituídas umas pelas outras. O sentido, nesse caso, dependeria da posição que o sujeito gramatical ocupa e da função que esse exerce. Na frase “o cão morreu”, o significado de “o cão” é determinado pela posição que ele ocupa na frase, no caso posição de sujeito, e também estabelecido pelo fato de poder ser trocado pelos signos associados a ele, como “o animal”, “o cachorro”, “ele”. Essa última seria a substituição paradigmática, estabelecida com base em elementos que estariam armazenados na memória do falante. (ARAÚJO, 2004, p. 41-2)

O sujeito e o sentido passaram, no entanto, a partir de Roman Jakobson Émile Benveniste e Mikhail Bakhtin, a ser objetos de estudo no ramo da lingüística. As obras desses autores começaram a circular no cenário lingüístico, embora tenham sido escritas anteriormente, a partir da metade do século XX. Nesse período, a lingüística sofreu o que foi chamado “guinada pragmática”, pois os estudiosos deixaram de se preocupar com a estrutura abstrata da língua para estudar os fenômenos que diziam respeito ao uso que os falantes faziam da língua (WEEDWOOD, 2002, p.143-4).

Ao mencionarmos a maneira como a língua é usada pelos falantes, não podemos deixar de lembrar que as inovações, nos estudos lingüísticos promovidas pelos trabalhos de Bakhtin, Benveniste e Jakobson devem-se, principalmente, aos estudos que eles realizaram sobre as Teorias da Enunciação, sendo Émile Benveniste considerado o grande teórico de tais teorias. Segundo ele, a enunciação seria o colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização (BENVENISTE, 1995, p. 82).

A partir da metade dos anos 50, autores como Benveniste e Jakobson, em suas análises sobre o funcionamento da linguagem, passaram a considerar a língua não mais como algo objetivo, sistemático, mas algo que deveria ser estudado levando-se em consideração a subjetividade do sujeito. É nesse momento que o conceito de sujeito passa a ser uma das questões fundamentais nas teorias sobre a linguagem.

Mikhail Bakhtin, no entanto, é o autor a quem dispensaremos maior atenção, em nossa pesquisa, visto que serão seus estudos sobre sentido que nortearão nossas análises. Esse pensador russo formulou teorias importantes para vários ramos de estudo. Essas, principalmente a partir da década de 70, época em que muitas de suas obras foram traduzidas, serviram de base para o trabalho de sociolinguistas, teóricos da pragmática lingüística e das diversas escolas de análise do discurso. Nosso foco de análise, em seus estudos, diz respeito às teorias que ele formulou sobre a enunciação, o sentido e o sujeito presentes nas obras *Marxismo e filosofia da linguagem* e *Estética da criação verbal*.

As teorias enunciativas bakhtinianas surgiram na tentativa de se encontrar um modelo de análise da linguagem que superasse as duas orientações filosóficas que Bakhtin critica em sua obra *Marxismo e filosofia da linguagem*: o objetivismo abstrato e o subjetivismo idealista. A primeira orientação é criticada por ele pelo fato de construir suas teorias tendo como base a língua enquanto uma entidade dotada de regras, uma entidade pura e simplesmente passível de análise no “mundo fechado da forma”. Já a segunda orientação - o subjetivismo idealista - embora tenha como referência o estudo da fala, que seria a base ao se analisar a comunicação, também é merecedora de críticas por analisar a fala como um ato individual, quando, na verdade, todo o ato enunciativo é de natureza social (BAKHTIN, 2002, p.109). Na tentativa de superar essas possíveis falhas no trato da linguagem, o pensador russo elabora suas

teorias sobre a enunciação, passando a considerar as situações de uso da fala como um produto da interação social entre falantes. (idem, p.112).

Para Bakhtin, o tratamento do signo desvinculado dos aspectos histórico-sociais, pelo corte da linguagem-sujeito, não pode justificar nenhum estudo lingüístico. “A vinculação da linguagem com o sujeito-entidade construída socialmente (princípio da alteridade) - é que lhe garante sua realidade que é ideológica e concreta” (MARTINS,1990, p.25)

Bakhtin, além de passar a considerar a fala como objeto primordial de estudo, teria como base a comunicação entre falantes, não necessariamente a linguagem. Ao analisar a comunicação, ele passa a incorporar aos estudos lingüísticos a noção de sujeito. Igualmente, passa a se dedicar aos estudos relacionados à semântica, mesmo que não tenha, de fato, ignorado o ramo da semiótica.

Entretanto, antes de fazer algumas abordagens sobre o sujeito bakhtiniano, é preciso deixar claro que, ainda que Bakhtin faça reflexões sobre essa categoria, essas não apresentam um modelo de análise como os propostos por outros lingüistas. Conforme Flores, isso ocorre porque “a teoria de Bakhtin ultrapassa os limites da linguagem, já que é extensiva a teoria do conhecimento, teoria literária e teoria semiótica” (FLORES, 1999, p.182).

Nos estudos de Bakhtin sobre a enunciação, há uma preocupação em demonstrar a necessidade que existe em se superar a dicotomia forma-conteúdo e em se integrar a experiência social dos indivíduos à lingüística (PIRES, 2002, p.47).

Segundo o autor russo:

O ouvinte dotado de uma compreensão passiva, tal como é representado como parceiro do locutor nas figuras esquemáticas da lingüística geral, não corresponde ao protagonista real da comunicação verbal. O que é representado é o elemento abstrato do fato real da compreensão ativa em seu todo... O

resultado é que o esquema distorce o quadro real da comunicação verbal cujos princípios essenciais são eliminados. O papel ativo do outro no processo de comunicação verbal fica minimizado ao extremo (BAKHTIN, 2000, p. 291-2)

Ao contrário do sujeito descrito acima, o sujeito bakhtiniano é fundado, sobretudo, pelas relações que estabelece com o outro. É um sujeito formado pelas diferentes vozes, pelas experiências que adquire através do diálogo que estabelece com o outro, o qual também é um sujeito ativo:

As fronteiras do enunciado concreto, compreendido como uma unidade de comunicação verbal, são determinadas pela alternância dos sujeitos falantes, ou seja, pela alternância dos locutores [...] O locutor termina seu enunciado para passar a palavra ao outro ou para dar lugar à compreensão responsiva do outro (BAKHTIN, 2000, p.293-4).

A relação de dependência que o sujeito estabelece com o “outro” (ouvinte-enunciador), ou seja, a relação de intersubjetividade¹⁴, aliás, faz parte do maior fundamento das pesquisas bakhtinianas; o dialogismo, que é fundamental para que os sujeitos possam se inscrever na linguagem:

¹⁴ Benveniste, em seu texto “Da Subjetividade na Linguagem”, afirma que: “Não atingimos jamais o homem reduzido a si mesmo e procurando conceber a existência do outro. É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem...” (BENVENISTE, 1995, p. 285). Com base nesse trecho, podemos estabelecer um diálogo entre Bakhtin e Benveniste, pois ambos consideram a diálogo estabelecido entre os sujeitos, a intersubjetividade, um aspecto fundamental quando estudamos o uso concreto da língua- a enunciação.

Na realidade, toda a palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige a alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte... Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade... (BAKHTIN, 2002, p. 113)

Logo, para Bakhtin, o sujeito não pode atingir o estatuto lingüístico pelo simples fato de ser considerado parte da linguagem, porém, é necessário que ele se defina na intersubjetividade promovida pelo diálogo, mais que isso, é preciso que o sujeito defina-se enquanto um produto da ideologia e das relações sociais que estabelece em determinado contexto. (MARTINS, 1990, p. 26).

Segundo Weedwood (2002), a palavra-chave das reflexões lingüística bakhtiniana é o diálogo, pois somente existe língua em um contexto que possibilite a interação social, dialógica.

O dialogismo estabelece a alteridade como parte do indivíduo e parte dos discursos que ele profere. Portanto, reconhecer o outro é constatá-lo como indispensável no processo de comunicação (PIRES, 1999, p. 72). Assim, nossos discursos estão marcados pelos discursos do outro, aquele que tem uma participação ativa na comunicação. Nós assimilamos as palavras do outro, “e não as palavras da língua” (BAKHTIN, 2000, p. 314)

Ao considerar o sujeito como um elemento ideológico, histórico, social, o pensador russo também não deixaria de atrelar a problemática do sentido à evolução dos grupos sociais. Conforme ele, o homem, na medida em que vai evoluindo, passa a atribuir outros sentidos às palavras. Logo:

(...) não há nada na composição do sentido que possa colocar-se acima da evolução, que seja independente do alargamento dialético do horizonte social. A sociedade em transformação alarga-se para integrar o ser em transformação. Nada pode permanecer estável nesse processo (...) (BAKHTIN, 2000, p.136)

Bakhtin determinou, dessa forma, um novo horizonte para os estudos até então feitos sobre a problemática da significação. O sentido passou, embora não possa ser desvinculado daquilo que faz parte do sistema de signos, a depender de um nível superior de significação, que é determinado por sujeitos que se movimentam em uma sociedade que se modifica constantemente. Assim, nem sujeitos nem sentidos podem ser unos, visto que são produtos das interações que estabelecem no seio social. É justamente essa dupla forma de significar que será o foco de nosso estudo no próximo subcapítulo desta dissertação.

1.4 A dupla forma de significar bakhtiniana

No que se refere à significação, Bakhtin a define, na frase de abertura do capítulo intitulado "Tema e significação na língua" presente na obra *Marxismo e filosofia da linguagem*, como um dos problemas mais difíceis da lingüística. Nesse mesmo capítulo, ele estabelece diferenças entre significação e sentido da enunciação completa (tema). A primeira é definida por Bakhtin como os elementos que são reiteráveis cada vez que são repetidos pelos sujeitos, sendo, portanto, elementos abstratos, originados por convenção. Já o tema seria um sistema de signos dinâmico e complexo, que procura adaptar-se adequadamente às condições de um dado momento de evolução (BAKHTIN, 2002, p.129).

Assim, enquanto a significação é por natureza abstrata e tende à permanência e à estabilidade, o tema é concreto e histórico e tende ao fluído e dinâmico, que recria e renova incessantemente o sistema de significação, ainda que partindo dele. Se a significação está para o signo -ambos virtualidades de construção de sentido da língua-, o tema está para o signo ideológico, resultado da enunciação concreta e da compreensão ativa, o que traz para o primeiro plano as relações concretas entre sujeitos. (CEREJA, 2005, p. 202)

Todavia, embora tema e significação sejam níveis diferentes¹⁵ de sentido, não há significação sem que haja tema e vice-versa. Além disso, para o pensador russo, não é possível que uma palavra tenha significado quando está isolada, uma vez que o processo de sentido estaria atrelado ao momento da enunciação. Da mesma forma, se o tema não tivesse uma certa estabilidade de significação, ele perderia o seu sentido.

Fazendo uma crítica aos filólogos, que consideram a compreensão um processo passivo, Bakhtin complementa suas reflexões sobre sentido afirmando que qualquer tipo de compreensão deve ser ativa, necessitando da resposta do outro:

(...) a significação não está na palavra nem na alma do falante, assim como também não está na alma do interlocutor. Ela é o efeito da interação do locutor e do receptor (...). Só a corrente da comunicação verbal fornece à palavra a luz da sua significação (BAKHTIN, 2002, p. 132)

¹⁵ Assim como Bakhtin, Benveniste também postula a existência de dois níveis de significação: o semiótico e o semântico. No primeiro nível, a significação pode ser obtida apenas tendo por base a distinção, a oposição entre os signos existentes em um mesmo sistema. Já no nível semântico, o sentido de uma palavra está totalmente relacionado com o momento da enunciação, já que resulta da atividade do locutor que coloca a língua em ação. Percebemos, então, que há uma correlação entre os níveis de significado propostos por Bakhtin e Benveniste, que pode ser sistematizado da seguinte maneira: O nível semiótico benvenistiano equivale ao grau intitulado de significação por Bakhtin, e o nível semântico benvenistiano corresponde ao tema em Bakhtin.

Além disso, nos estudos bakhtinianos sobre a significação, é fundamental a apreciação, isto é, a maneira como pronunciamos as palavras no momento da comunicação. Essa permite que uma mesma palavra tenha significados diferentes, os quais só podem ser percebidos pela maneira como tal vocábulo é pronunciado. Isso, é claro, só pode ser percebido no momento da enunciação, no qual ocorre o diálogo, a interação entre os indivíduos. Assim:

(...) na enunciação viva, cada elemento contém ao mesmo tempo um sentido e uma apreciação. Apenas os elementos abstratos considerados no sistema da língua e não na estrutura da enunciação se apresentam destituídos de qualquer valor apreciativo (...) (BAKHTIN, 2002, p.135).

Adiantando-nos um pouco à análise que será feita no quarto capítulo, os significados, por exemplo, da palavra “prostituta” seriam aqueles listados no dicionário da língua portuguesa, sendo os mais comuns, segundo o dicionário Houaiss (2004) “mulher que ganha dinheiro para manter relações sexuais; meretriz”. No entanto, em uma pesquisa que realizamos, ainda este ano, com alunos de uma escola pública, uma grande parte deles, ao ser questionada sobre o significado da palavra em questão, afirmou que, na geração atual, prostituta não é somente uma garota que mantém relações sexuais com alguém, mas aquela que namora ou fica¹⁶ com mais de uma pessoa ao mesmo tempo. É justamente esse último significado que corresponde ao tema da palavra prostituta, ou seja, ao sentido que não é dicionarizado, mas que é construído socialmente.

¹⁶ Termo usado pelos adolescentes para se referir a um relacionamento sem compromisso, que pode durar uma noite, uma tarde, uma semana, etc. Quem fica com alguém é chamado de ficante.

Quando questionados sobre o fato de o significado que eles mencionaram para prostituta não estar em nenhum dicionário da língua portuguesa, a maioria dos alunos afirmou que isso não importava, pois eles não estavam errados. Esse posicionamento dos sujeitos também é explicado por Bakhtin:

Para o locutor, a forma lingüística não tem valor enquanto sinal estável e sempre igual a si mesmo, mas somente enquanto signo variável e flexível. Este é o ponto de vista do locutor. (2002, p. 93)

No exemplo acima, é possível perceber que a significação do vocábulo prostituta está inventariada entre possíveis significados aprisionados nos dicionários, enquanto o tema dessa mesma palavra, um nível mais elevado de significar, somente pode ser depreendido pelo depoimento dos sujeitos, um sentido que já é amplamente usado no ambiente em que eles vivem sem, contudo, fazer parte dos significados que manuais normativos da língua portuguesa elencaram.

Miotello (2005), ao discorrer sobre o papel da ideologia para Bakhtin, afirma que os signos estão presentes em todas as relações sociais e, em cada uma delas, revestem-se de sentidos próprios, os quais são produzidos de acordo com os interesses de determinado grupo. Não haveria como, dessa forma, ignorar que, além do significado em um nível mais superficial ou semiótico, é importantíssimo que analisemos, ao inventariar o sentido dos signos, a significação que só pode ser obtida pelo olhar do sujeito, que, por ser social, carrega vestígios de sentidos “captados” e assimilados pelas relações que estabelece com os outros. (p.171)

Faraco (2001) pontua que, após os estudos bakhtinianos sobre a linguagem, pela primeira vez, é possível compreender os processos de significação “como ao mesmo tempo relativamente estáveis e sempre

abertos”, já que produtos das relações estabelecidas entre os sujeitos (p.122)

O sentido, como produto da interação entre os sujeitos, denominado de tema, é o que torna viável a relação que pretendemos estabelecer entre a linguagem e as teorias de gênero social, porque são os sujeitos, com base no que escutam e assimilam, em seus grupos sociais, que podem, por intermédio da linguagem, reproduzir sentidos que demonstram como compreendem o que é ser mulher no cenário contemporâneo.

Após termos descartado as teorias que julgamos pertinentes para fundamentar nossa pesquisa, no próximo capítulo, apresentaremos o corpus de nosso trabalho e traçaremos as maneiras como analisaremos o material selecionado.

2 PRIMEIRA PARADA: RECONHECENDO OS SUJEITOS ANALISADOS, TRAÇANDO ESTRATÉGIAS DE CONHECIMENTO

O percurso teórico discutido, no capítulo anterior, deverá, a partir desse momento, possibilitar o estabelecimento de um diálogo entre teoria e prática. Os objetivos delimitados, no início desta dissertação, terão como ponto de partida a análise das composições pop românticas, que serão complementadas com o resultado do trabalho de compreensão realizado com os alunos.

Esperamos, com base no estudo de como é processado o sentido no nível de significação e no nível do tema postulados por Bakhtin, comprovar que as palavras que compõem o sistema de nossa língua possuem alguns significados que só podem ser percebidos quando analisamos o seu emprego real, por uma comunidade de locutores. Além disso, procuraremos relacionar os sentidos produzidos com as teorias de gênero, procurando apreender, do material examinado, a maneira como estão sendo construídas via discurso as mulheres que fazem parte da nossa sociedade neste momento histórico.

Julgamos importante ressaltar que nossa análise não terá um caráter quantitativo, mas qualitativo, pois os dados terão uma dimensão mais ilustrativa, sem, contudo, deixarem de merecer uma discussão aprofundada.

2.1 Seleção do corpus e procedimentos de análise

O corpus desta pesquisa se constitui de letras de cinco canções denominadas pop românticas, que foram lançadas na mídia a partir do ano de 2000, das quais selecionamos cinco vocábulos, um de cada composição. Tais composições foram escolhidas por retratarem situações românticas entre homens e mulheres em que os papéis desempenhados sexualmente estão bem marcados. Também foram selecionadas por tocarem constantemente em rádios FMs locais de Santa Maria, Rio Grande do Sul, cidade em que moram os alunos que fizeram parte dessa pesquisa. Por tocarem comumente em rádios populares, suas letras acabaram se tornando bem conhecidas pelos adolescentes, independente de fazerem ou não parte do repertório de músicas cultuado pelos garotos e garotas.

No quadro¹⁷ abaixo, estão descritos os intérpretes das composições, o nome das canções e a palavra selecionada de cada uma delas para que sejam realizadas as discussões sobre a significação e o tema, assim como para que sejam feitas as relações entre linguagem e gênero. Procuramos analisar, a exceção de uma palavra (o substantivo *harém*), vocábulos indicadores de atributos femininos e masculinos, visto que, por intermédio desses qualificadores, julgamos ser mais fácil interpretar os sentidos de ser homem e, em especial, mulher em nossa sociedade.

¹⁷ Nesse quadro, não serão mencionados os anos em que foram lançadas as canções nem seus compositores. Esses dados foram descritos nos anexos.

Nome da canção	Intérprete	Vocábulo selecionado
Cachorrinho	Kelly Key	cachorrinho
Adoleta	Kelly Key	meigo
Garotas choram demais	Liah	harém
Me engana que eu gosto	Wanessa Camargo	enlouquecida
Renata	Latino	ingrata

Além das palavras escolhidas das canções, também fazem parte do corpus dessa pesquisa os resultados das respostas dos alunos sobre os significados, em suas compreensões, dos vocábulos extraídos dos contextos das composições analisadas.

No que diz respeito aos sujeitos participantes da pesquisa, um total de 10, metade cursa a 1ª série do Ensino Médio e a outra metade a 8ª série do Ensino Fundamental.

Referente ao sexo dos pesquisados, seis são do sexo feminino (três de cada escola) e quatro do sexo masculino (também metade de cada escola). Com relação às suas idades, essas variam entre 13 e 15 anos de idade. Com o intuito de facilitar a inserção dos depoimentos dos alunos, nas análises que posteriormente serão feitas, denominaremos de grupo **A** os alunos que cursam a 8ª série e de grupo **B** os estudantes que freqüentam o 1º ano do Ensino Médio.

A escolha desse grupo não foi aleatória, mas pelo fato de os referidos alunos terem sido os únicos, nas duas turmas em que pedimos a colaboração em nosso trabalho, a revelarem que, ainda que não gostassem das composições pop românticas, escutavam-nas constantemente nas rádios da cidade. Assim, pareceu-nos que, por estarem familiarizados com as letras das músicas selecionadas por nós, poderiam contribuir de maneira mais eficiente no momento em que fosse

solicitado que escrevessem o significado que os vocábulos tinham no contexto de cada canção.

Procederemos da seguinte maneira no estudo do corpus:

a) Primeiramente, realizaremos uma interpretação das letras de música sem respaldo da teoria bakhtiniana, mas já procurando reconhecer como estão sendo processados, lingüisticamente, os conceitos relacionados aos sujeitos femininos;

b) Em um segundo momento, discutiremos os significados coletados dos depoimentos dos alunos juntamente com os significados das palavras encontrados em dois dicionários da língua portuguesa, com o intuito de depreendermos o tema e a significação dos vocábulos selecionados;

c) Em um terceiro momento, em um subcapítulo que intitulamos *A um passo da parada final: analisando parte do caminho percorrido*, procuraremos fazer comentários a respeito das mudanças, ou não, percebidas nas relações de gênero, mais específico na representação da identidade feminina, após a análise do tema, renovado ou não, de cada palavra. Também estabeleceremos uma relação entre os sentidos coletados e a importância de se estudar a teoria bakhtiniana sobre a significação.

Como uma observação final, é necessário mencionar como procedemos no trabalho com os alunos. Esses foram reunidos nas salas de informática de suas escolas, onde havia retroprojetores para que as letras de música fossem apresentadas. Antes da exposição das composições, eles escutaram-nas. Após a audição das músicas, suas letras foram apresentadas, e os estudantes foram solicitados, cada um em seu computador, que fossem escrevendo, em uma tabela, os significados das palavras que estavam grifadas de cor diferente em cada canção. Solicitamos que eles considerassem o contexto de cada composição ao definir os vocábulos.

3 SEGUNDA PARADA: VIAJANDO NAS CANÇÕES PARA ENCONTRAR O SIGNIFICADO DOS SIGNOS

Neste capítulo, faremos a análise do tema e da significação das palavras que selecionamos de cada letra de música. Julgamos ser pertinente, no entanto, antes de discutir a dupla maneira de significar de Bakhtin, estabelecer uma compreensão das canções sem a interferência das teorias para que, no momento da análise fundamentada na teoria, possamos estabelecer comparações.

3.1 Compreensão das letras de música

Iniciaremos nossa compreensão das letras de uma maneira geral, mas já procurando chamar a atenção para as possíveis significações dos vocábulos que selecionamos no momento da análise com os alunos.

a) Cachorrinho

A música denominada *Cachorrinho*, interpretada por Kelly Key, de certa forma, apresenta o perfil de uma nova mulher, a qual reclama de um suposto tratamento desigual por parte do homem com o qual se relaciona.

Temos, nessa canção, um sujeito feminino que demonstra não admitir ser controlada nem receber ordens de como deva agir. A estratégia utilizada pelo sujeito feminino, para reclamar seus direitos, é tratar seu parceiro como se ele fosse sua propriedade, o que, historicamente, é uma atitude masculina. Além de tratá-lo como um objeto, ela o compara como um animalzinho de estimação (cachorrinho), o qual ela pode adestrar da maneira como quiser.

No entanto, ao mesmo tempo que essa canção parece delinear um novo perfil feminino de agir, esse novo modo de se comportar feminino está condicionado ao fato de a mulher “cuidar” bem de seu parceiro. Dessa maneira, a mulher teria, na realidade, poder sobre o homem pelo fato de cuidá-lo com carinho, papel que é socialmente atribuído às mulheres há tempo.

b) Adoleta

Essa é outra composição interpretada por Kelly Key, a qual também revela uma inversão de valores femininos e masculinos. Nessa letra de música, são conferidas características tradicionalmente destinadas às mulheres ao sujeito masculino, pois ele é caracterizado como uma criatura “meiga e distraída”. A palavra *meigo*, em nossa concepção, denota um homem sem maldades, carinhoso, que destoa do perfil masculino geral, mas que, nem por isso, deixa de ser atraente para a mulher com o qual se relaciona. Além de marcas diferenciadas de personalidade daquelas que, em geral, são atribuídas aos homens, esse sujeito masculino tem atitudes que são esperadas de uma garota, como o fato de ter horários para voltar para casa após o cinema com a namorada.

Há, igualmente, nessa composição, uma mulher que se relaciona com um homem mais jovem e pouco se importa com a repercussão desse relacionamento. Essa atitude feminina também é algo que foge aos modelos de comportamento entre gêneros instituídos em nossa

sociedade, uma vez que sabemos que o homem, em nosso meio, pode relacionar-se com uma mulher bem mais jovem que ele sem que seja discriminado, ao passo que a mulher, ao relacionar-se com um sujeito mais novo, geralmente, é julgada pela sociedade. Ter uma relação amorosa com um homem mais jovem, comumente, indica, em nossa sociedade, que a mulher deve sustentá-lo.

Ao contrário da quebra de mudança de comportamento feminino apenas aparente percebida na canção *Cachorrinho*, em *Adoleta* temos, de fato, uma inversão de papéis historicamente determinados para homens e mulheres. Encontramos, nessa última, um sujeito masculino com características psicológicas e comportamentais que fogem daquele perfil masculino que foi instituído ao longo dos séculos. Nessa composição, da mesma forma, temos uma mulher que parece ter se cansado de seguir normas sociais, que está cansada de ter que comportar-se de maneira infantil, desprotegida e submissa ao homem.

c) Garotas choram demais

A composição *Garotas choram demais*, de Liah, uma cantora lançada no ano de 2004 no mercado, foi construída, basicamente, em dois planos: num primeiro momento, há um enunciador feminino que se dirige a um alocutário masculino na tentativa de convencê-lo de que todas as ações que ele pratica estão fazendo-a sofrer. A figura feminina, em um primeiro momento, mostra possuir algumas das características socialmente atribuídas às mulheres: um sujeito frágil, sentimental, digno de pena, o qual é subjugado a um homem superficial e machista. O sofrimento do sujeito feminino teria como motivos o fato de ela não ser compreendida pelo sujeito masculino e pelo fato de ele ter outras mulheres além dela, o que é percebido pelo seguinte verso: *Pensa que é normal um harém* (linha 4). A palavra *harém*, a que tudo indica, revela as supostas outras mulheres com as quais o sujeito masculino teria, se não

sentimental, uma relação física. A frase anterior nos remete a uma característica historicamente permitida para os homens: terem mais de uma mulher, o que, ainda hoje, é aceito com naturalidade por muitas mulheres. Como arma para convencer o sujeito masculino a entendê-la, a enunciadora recorre ao choro, que também se universalizou como característica feminina de convencimento.

No final do primeiro plano temático da canção, os versos: *Diz que eu exagero sem ter porquê / Cena de TV pra impressionar* nos remetem a uma possível conclusão: o fato de as mulheres serem influenciadas pela mídia. Nesses versos, o sujeito masculino deixa claro que as atitudes supostamente exageradas da mulher, como o choro, as cobranças, são recursos que ela presencia na televisão e reproduz com facilidade. Assim, está pressuposto que, ao contrário dos homens, que agem movidos por características próprias, que não são facilmente moldadas, as mulheres são muito influenciadas por fatores externos. Tal constatação reforça o estereótipo de submissão da mulher, ora ao homem, ora às cenas que assiste na televisão e assimila como modelos.

No segundo plano temático dessa canção, é promovida uma inversão de valores, pois a enunciadora, ao se cansar de sofrer pelo amado sem obter compreensão, propõe uma troca de lugar com o homem. Ela considera que o sujeito masculino somente irá entendê-la se passar pelas mesmas situações que ela viveu. Nos últimos versos, a “vingança” feminina é demonstrada por intermédio de uma espécie de depreciação do homem : *Como é que você não vê? / Tudo que eu quero é / Um amor sincero / Alguém bem melhor que você*. A presença do advérbio bem e do adjetivo melhor reforçam o fato de o sujeito masculino não possuir características positivas. O pronome indefinido “alguém” dá uma idéia ainda mais depreciativa do homem, pois deixa claro que qualquer pessoa é melhor que ele. Dessa forma, nessa letra de música, é revelada uma mulher que acredita que, se agir da mesma forma que o homem, assumirá o controle da relação e se vingará do sujeito masculino.

Essa idéia reflete um novo sujeito feminino que, ao tentar mudar a forma desigual como foi tratado nas sociedades em que o homem sempre dominou, acaba agindo da mesma maneira que tanto criticava nos homens, o que nos parece uma contradição muito grande na busca de igualdade de tratamento para ambos os gêneros.

d) Me engana que eu gosto

Outra canção que denota claramente a submissão feminina com relação ao homem é a intitulada *Me engana que eu gosto*, interpretada por Wanessa Camargo. Nessa letra de música, há um sujeito feminino que age, única e exclusivamente, em torno do homem que ama. Essa paixão pelo sujeito masculino faz a mulher se anular de tal forma que passa a aceitar até mesmo os defeitos do homem amado. Ao homem é permitido fazê-la de boba, enganá-la, pois, quando mais ele age dessa forma, mais apaixonada ela fica. Ela chega, até mesmo, a afirmar que gosta de ser enganada: “me engana assim que eu gosto”.

Para ressaltar ainda mais o caráter dominador do homem sobre a mulher, a figura feminina, nessa composição, é comparada a uma criança frágil, facilmente convencível, pois basta o homem solicitar o que deseja com “jeitinho” que ela atende.

No primeiro refrão dessa letra de música, torna-se explícito o fato de o sujeito masculino possuir uma outra mulher em sua vida. Assim, a enunciativa viveria um triângulo amoroso, sendo, no entanto, a amante, aquela que tem o homem somente durante a noite. Entretanto, mesmo sendo a “outra”, parece pouco lhe importar sua situação, uma vez que, embora ela pergunte ao sujeito masculino se eles teriam uma relação passageira ou uma paixão verdadeira, com ele “tudo é perfeito realidade ou ilusão”.

Temos, nessa canção, a representação de uma mulher frágil, extremamente apaixonada por seu amado e que assume uma

personalidade forte somente quando passa a disputar o sujeito masculino com outra mulher. Além de frágil, a palavra enlouquecida faz-nos crer que o sujeito feminino está tão apaixonado que perdeu os limites da razão, sendo capaz, de tomar qualquer atitude para ficar ao lado da pessoa que ama, ainda que por breves momentos.

A brevidade do relacionamento da figura que protagoniza a amante com o ser amado é reforçada no final da canção, pelo advérbio “hoje” e pela expressão “essa noite”. No entanto, é estabelecida uma contradição quando a enunciadora afirma que o sujeito masculino é pra sempre dela.

A partir da análise dessa composição, podemos notar que ainda está bem viva, em nossa sociedade, a dicotomia mulher santa e mulher profana, os dois papéis que, tradicionalmente, uma mulher pode assumir. Esse binômio reforça a concepção de que há mulheres para se casar e outras somente para proporcionar momentos de prazer. Ao homem continua sendo permitido ter essas duas mulheres: uma com quem possa circular nos espaços públicos, a esposa ou namorada; e outra, com a qual tenha encontros prazerosos durante as noites. Mais preocupante que a perpetuação dessa dicotomia é o fato de que algumas mulheres aceitem esse comportamento masculino, o que contribui para uma naturalização da característica de traidor ao homem e uma naturalização da característica de passividade à figura feminina, comportamento passivo com relação ao homem somente, pois, nessa composição, o sujeito feminino que protagoniza a amante parece querer se sobressair sobre a mulher com a qual o homem tem relacionamento estável. Isso é claramente percebido no verso: *sinto muito, essa garota te perdeu essa noite você é meu* (linha 13)

e) Renata

Em *Renata*, temos um sujeito que se lamenta por ter sido abandonado, trocado por outro pela mulher com quem se relacionava. O

primeiro verso da composição, *Num golpe de olhar*, denota um sentido negativo à figura feminina desde o início da composição, como se ela tivesse a intenção de apenas conquistar o sujeito masculino para depois abandoná-lo. Golpear, mesmo que por intermédio apenas do olhar, indica que a mulher objetivava feri-lo, apunhalá-lo pelas costas, o que foi confirmado após ela ter agido como uma atriz o tempo todo em que eles se relacionaram e quando o trocou por outro homem que, talvez, não possa lhe dar segurança alguma.

A decepção maior do sujeito masculino, no entanto, não parece estar relacionada a ele ter perdido uma mulher pela qual estava apaixonadíssimo, mas ser consequência das atividades que ele deixou de realizar após o início do relacionamento com a mulher. O pensamento do locutor, ao que tudo indica, seria este: eu fui fiel, deixei de sair à noite, abandonei meus amigos, como ela pode me trocar por outro? A mulher a quem ele se dirige na canção seria o oposto daquela que, há tempo, habita o imaginário popular. A mulher que ronda a mente masculina deve ser grata e fiel ao homem, a nova mulher apresentada na composição, ao contrário, parece pouco se importar com os supostos bons sentimentos que deva assumir quando estiver se relacionando com alguém.

No momento em que a mulher contraria determinados princípios, é considerada irracional, ou seja, uma mulher desprovida de razão, capaz de agir sem pensar nas consequências de seus atos, sendo capaz, inclusive, de abandonar um relacionamento estável para viver um romance passageiro.

Além de lamentar o fato de ter sido abandonado pela mulher, o sujeito masculino também roga pragas à mulher. Essa idéia é declarada no seguinte verso: *quem planta sacanagem colhe solidão* (linha 11). Nesse verso, é reforçada a idéia de que as mulheres devem ser subordinadas aos homens, devem se sentir satisfeitas, apenas pelo fato de serem amadas, não devem brincar com os sentimentos masculinos, caso contrário, devem amargar na solidão.

Denota-se, nesta letra de música, que continua a ser determinado, em nossa sociedade, que a mulher, no momento em que se unir a um homem, deve ser fiel e agradecida a ele. Assim, caso se apaixone por outro, não deve se deixar dominar pela emoção, mas deve ser racional, sensata, esquecendo de seus verdadeiros sentimentos para manter a relação estável que foi construída.

3.2 A mesma palavra, os diferentes sentidos

Nesse momento do trabalho, passaremos a investigar como o sentido dos signos lingüísticos é processado considerando a significação e o tema de cada palavra selecionada das canções. Resgatando os conceitos formulados por Bakhtin, à significação dos vocábulos correspondem os sentidos que historicamente eles assumiram e que foram incorporadas ao dicionário de nossa língua; já ao tema correspondem os sentidos que somente podem ser obtidos se levarmos em consideração o enunciado concreto e os elementos que fazem parte da situação extraverbal, como a identidade dos interlocutores e o momento histórico em que as palavras estão sendo utilizadas.

Com já mencionamos, o tema dos vocábulos será analisado com base nos sentidos que os sujeitos participantes da pesquisa atribuíram a eles durante suas compreensões das letras de canções pop românticas.

Ao analisar a significação das palavras, isto é, “os sentidos potenciais disponíveis na língua para diferentes locutores, em diferentes situações” (CEREJA, 2005, p. 218) utilizamos dois dicionários da língua portuguesa, o dicionário Houaiss (2001) e o Novo Dicionário Aurélio do século XXI. Não mencionaremos todas as acepções encontradas, nesses dois dicionários, para definir os vocábulos estudados, mas somente

aquelas que poderiam ser aplicadas na compreensão das composições analisadas.

Seguindo a mesma ordem que estabelecemos na compreensão sem respaldo de teoria sobre o sentido bakhtiniana, realizada no subcapítulo 3.1, iniciaremos a busca do tema e da significação de uma palavra extraída da composição *Cachorrinho*, de Kelly Key.

a) Cachorrinho

Dessa canção, selecionamos o vocábulo *cachorrinho*. No Dicionário Aurélio, há apenas um significado para essa palavra “ tipo de nado que lembra o do cachorro, e no qual o nadador movimenta só as mãos”, uma significação, certamente, que não poderia ser utilizada para interpretar a canção de Kelly Key. No dicionário Houaiss, encontramos, para *cachorrinho*, as seguintes acepções: “delator, dedo-duro”, as quais, da mesma forma, não têm relação com as ações que o sujeito masculino pratica na letra de música em que a palavra *cachorrinho* está inserida.

Como não achamos nenhum sentido que pudesse ser considerado como a significação da palavra *cachorrinho* nos dois dicionários, resolvemos analisar os sentidos dicionarizados da palavra *cachorro*, para a qual são atribuídas as seguintes acepções:

1. Indivíduo indigno; canalha; cafajeste;
2. Menino travesso; turbulento; levado; cachorrão;
3. Pessoa desprotegida, pela qual ninguém se interessa¹⁸

No contexto da composição intitulada *Cachorrinho* (em Anexo A), o único sentido dicionarizado que poderíamos considerar como a significação da palavra *cachorrinho* seria a última acepção, ou seja, o

¹⁸ Esta última acepção somente foi encontrada no dicionário Houaiss. As duas anteriores foram encontradas, também, no Aurélio.

sujeito masculino, dominado pela figura feminina na composição, seria um homem desprotegido, que não interessaria a ninguém e que, após ter encontrado uma mulher que o aceitasse e cuidasse dele, passou a aceitar a dominação feminina como algo natural. Assim, *cachorrinho* seria um homem que depende da mulher por ter estar sozinho no mundo, sem mais ninguém para o acolher, uma espécie de criança que depende dos cuidados femininos ou maternais. Essa significação contribui para reforçar a concepção antiga e machista que dita que uma mulher pode dominar um homem somente se cuidar bem dele, o que é uma tarefa, ainda hoje, imposta às mulheres.

O tema da palavra *cachorrinho*, ou seja, o sentido que é apreendido pela compreensão ativa dos signos lingüísticos, pelo diálogo que o sujeito estabelece com os sujeitos que estão inseridos em seu mesmo contexto social e momento histórico, no entanto, não parece delinear um sujeito masculino dependente da mulher por ser desprotegido, por estar abandonado no mundo. Isso foi percebido em 100% das respostas dos alunos.

Segundo as respostas dos dez alunos, na sociedade em que vivemos, a palavra *cachorrinho* denota, primordialmente, um homem que é dominado pela mulher, que faz tudo que ela manda, que não tem atitudes nem vontades próprias. De acordo com os sentidos extraídos das análises dos estudantes, tanto dos oriundos de escola pública, particular, os do sexo feminino ou masculino, um homem chamado de *cachorrinho* é aquele oposto do machão que tenta, quando está se relacionando com uma mulher, dominá-la, pois é ele quem se subordina à mulher com a qual se relaciona. Confirmando essa inversão de papéis, temos o depoimento da aluna A2 (Anexo B), a qual afirma que *cachorrinho* é “um garoto meloso demais, que fica atrás da namorada dando presentes, enviando mensagens”. Dessa forma, o tema da palavra em questão seria o seguinte: um homem que, além de ser subjugado à mulher, tenta, de

todas as maneiras, agradá-la para não perdê-la, o que sempre foi um comportamento servil essencialmente, feminino.

b) Adoleta

O vocábulo que selecionamos da canção *Adoleta*, interpretada, também, por Kelly Key, é *meigo*, para o qual encontramos, nos dois dicionários utilizados, em nossa pesquisa, as seguintes acepções:

1. mágico, encantador;
2. amável, afável, bondoso;
3. carinhoso, terno, afetuoso;
4. doce, suave, brando.

Acreditamos que as três últimas acepções sejam, em geral, as significações que, comumente, são atribuídas ao vocábulo *meigo*. Logo, o homem representado na letra de música seria um sujeito carinhoso, doce, amável, o qual procuraria viver um relacionamento sem procurar dominar a mulher com a qual se relaciona, sem ser rude, assumindo uma postura mais passiva ou de igualdade com o sujeito feminino no relacionamento que assumiu com a mulher. São os sentidos que historicamente a palavra *meigo* assumiu e que foram dicionarizados, que foram inventariados como possibilidades de significação dessa palavra.

Ao analisar o tema do vocábulo *meigo*, com base nas respostas dos sujeitos da pesquisa, entretanto, deparamo-nos com um sentido que muito nos revela sobre as relações de gênero, em nossa sociedade, mas que se distancia totalmente das acepções, para essa palavra, encontradas nos dicionários. De acordo com 70% dos pesquisados, a palavra *meigo* significa um homem com características femininas, utilizando as palavras dos alunos, seria um boiola, um frutinha. Somente 30% dos sujeitos consideram que um homem meigo é um sujeito doce

(B1), sem malícia (A2 e B3), sendo essa porcentagem formada por sujeitos do sexo feminino, o que significa que para 100% dos garotos que fizeram parte de nossa pesquisa, ser *meigo* significa ser homossexual ou, ao menos, ter perfil de mulher.

O contexto social em que os alunos estão inseridos e os sentidos que podem ser extraídos das relações que eles estabelecem condicionam o tema da palavra *meigo*, que pode ser assim definido: homem *meigo* significa ser dotado de características femininas, ou seja, um sujeito que, ainda que se relacione com uma mulher, distancia-se do perfil masculino que os sujeitos da pesquisa costumam encontrar na sociedade em que vivem neste instante de nossa história.

c) Garotas choram demais

Da composição *Garotas choram demais*, selecionamos a palavra *harém*. Os sentidos dicionarizados mais comuns e que poderiam ser aplicados na análise dessa palavra, no contexto da letra de música, são os seguintes:¹⁹

1. Parte do palácio do sultão muçumano onde se acham encerradas as odaliscas;
2. Conjunto de odaliscas de um harém;
3. Grupo constituído por esposas, concubinas, parentes femininas e criadas que habitam o harém;
4. Grupo de mulheres ligadas a um só homem.

A última acepção do vocábulo *harém* nos parece a que melhor o define, no contexto brasileiro, no qual sabemos que a união entre um

¹⁹ As duas primeiras concepções da palavra harém foram retiradas do dicionário Aurélio, e as duas últimas, do Houaiss.

homem e uma mulher é monogâmica²⁰. Afirmar que o sujeito masculino possui um *harém* significa dizer que ele relaciona-se com outras mulheres além da namorada ou esposa, digamos, oficial, que há outras mulheres ligadas a ele de alguma maneira, seja emocional, seja fisicamente. Essa é a significação que, certamente, por estar elencada nos dicionários, faz sentido para a maioria dos sujeitos que fazem parte de nossa sociedade.

No que se refere ao tema da palavra *harém*, esse não se distanciou muito, em termos de sentido, das significações dicionarizadas para esse vocábulo. Para 60% dos sujeitos, um homem ter um *harém* significa relacionar-se com várias mulheres ao mesmo tempo, e elas aceitem dividi-lo. Além disso, o depoimento desses seis alunos revela que um garoto que possui um *harém* tem um contato que parece ser apenas físico com as meninas com as quais se relaciona. Tal afirmação pode ser confirmada com o sentido apresentado pela aluna A2, por exemplo: “Gurias que já passaram pela mão de um mesmo guri e que correm atrás dele” (Anexo B). A expressão “passar pela mão” é a indicadora do contato físico entre o homem e as mulheres que fazem parte de seu harém.

Ainda com relação ao tema da palavra anterior, embora mais da metade dos alunos concordem com a definição dicionarizada da palavra *harém*, 40% dos sujeitos apresentaram um tema renovado para esse vocábulo. De acordo com eles, para se ter um *harém*, não é necessário um homem relacionar-se com várias mulheres, mas basta que ele seja cercado de mulheres que o admiram, que o paqueram, que sentem paixão por esse indivíduo. Assim, o *harém* pode ser formado por todas “As apaixonadas pelo mesmo garoto”(B2 - em Anexo B)

²⁰ O dicionário Houaiss assim define a palavra monogamia: “costume em que o homem ou a mulher não pode ter mais de um cônjuge simultaneamente”.

d) Me engana que eu gosto

O quarto vocábulo que solicitamos que os alunos indicassem um sentido foi a palavra *enlouquecida*, presente na canção *Me engana que eu gosto*. Nos dicionários que consultamos, não encontramos significados para o vocábulo *enlouquecida*, mas para a palavra “enlouquecido”, para a qual há os seguintes sentidos: “que enlouqueceu, perdeu a razão, endoidecido, louco”. Dessa maneira, a enunciadora ser classificada como *enlouquecida* pelo sujeito com a qual mantém o relacionamento amoroso, em um nível de significação, implicaria assumir que teria perdido os limites da razão, estaria louca pelo sujeito masculino.

Quanto ao nível de significado mais elevado, ou seja, ao tema, a palavra *enlouquecida*, ao contrário do vocábulo *cachorrinho*, para o qual 100% dos alunos atribuiu um tema novo, foi a que mais manteve um tema constante e próximo aos significados existentes nos dicionários. Segundo as respostas de 70% dos alunos, uma mulher *enlouquecida* é um ser desprovido de razão, que age sem pensar, que não sabe o que faz, uma mulher “bem louca, de hospício” (significado dessa palavra para o aluno B5 - em Anexo B). Entretanto, de acordo com os outros três alunos (A2, A3 e A4), nessa canção, a mulher ser classificada como *enlouquecida* significa que é apaixonada demais pelo homem, sem mesmo poder viver sem ele. Há, então, conforme esses três sujeitos, um novo tema para essa palavra, o qual faz sentido para esses enunciadores e, conseqüentemente, faça sentido para, ao menos, uma parte das pessoas que compõem o ambiente social em que eles vivem.

e) Renata

A quinta e última palavra que os alunos e alunas analisaram foi o vocábulo *irracional*, o qual foi utilizado, na composição denominada

Renata, para qualificar o sujeito feminino. Encontramos, nos dicionários pesquisados, as seguintes acepções para essa palavra:

1. Não racional; onde a razão não intervém;
2. Que não raciocina;
3. Contrário à razão, irracional;
4. Insensato;
5. Que é destituído de raciocínio.

Em nossa análise do nível inferior de sentido, isto é, da significação, a palavra *irracional* poderia assumir qualquer uma das acepções acima enumeradas, pois, na composição em que está inserida, a mulher descrita pelo enunciador masculino, a que tudo indica, teria o abandonado sem pensar nas conseqüências de sua atitude. Dessa forma, ela teria agido sem pensar, de forma insensata.

Com relação ao tema da palavra *irracional*, quatro dos dez sujeitos da pesquisa atribuíram sentidos que se equivalem aos significados encontrados nos dicionários para esse verbete, sendo todos do sexo feminino. A aluna B1 define uma mulher irracional como “garota que não sabe o que é certo e o errado” (ver Anexo B).

As outras duas meninas e três meninos participantes da pesquisa atribuíram um tema, diríamos, um tanto inesperado para a palavra *irracional*. De acordo com eles, uma mulher classificada como irracional é moderna, que pensa em si mesma, que fica presa ao homem somente enquanto estiver feliz ao lado dele, ou uma mulher que não se liga emocionalmente a nenhum homem. Além desses sentidos, o sujeito B4 considera que ser *irracional*, de acordo com a letra de música, significa que a mulher é “sem responsabilidade com o homem” (Anexo B). Essa última definição para essa palavra é outro tema possível para esse vocábulo. Para o sujeito B4, uma mulher pode ser intitulada de irracional

caso se descuide do cuidado, da responsabilidade com o sujeito masculino.

3.3 A um passo da parada final: analisando parte do caminho percorrido

Ao concluir nosso estudo analítico, parece-nos relevante destacar possíveis respostas para as indagações implícitas em nossos objetivos específicos: como está sendo representada, lingüisticamente, a figura feminina na sociedade brasileira, em especial nos discursos veiculados em canções pop românticas? Essa representação feminina se modificou ou a mulher continua a ser retratada de forma subjugada ao homem? A teoria sobre tema e significação de Bakhtin pode nos ajudar a entender a importância de se considerar o emprego real da língua quando inventariamos o sentido das palavras?

Algum leitor mais atento ou criterioso poderia afirmar que o material que analisamos não é suficiente para se obter respostas tão precisas. Dessa realidade, no entanto, estamos cientes, pois nossos dados têm um caráter mais ilustrativo. Entretanto, acreditamos que nossa pesquisa é suficiente para que possamos delinear algumas realidades no que diz respeito às relações entre os gêneros e à importância de um estudo lingüístico baseado em pressupostos enunciativos, em especial, os bakhtinianos.

De fato, desde os primórdios, homens e mulheres, de acordo com a sociedade em que vivem, assumem comportamentos que são impostos e que geram rebeldia ou aceitação. Os homens, porém, ao longo da história, ao menos no Ocidente Cristão, assumiram muito mais os papéis de dominadores que de dominados. Por isso, talvez ainda não tenham tido a idéia de se rebelar e formar um movimento masculino como o

feminismo, que promoveu mudanças expressivas na vida de muitas mulheres.

Nós, mulheres, em determinado momento, tivemos que nos unir contra a opressão masculina para que pudéssemos ser ouvidas e não apenas consideradas seres que, biologicamente, já nasciam para ser dominadas, seja devido às nossas características físicas ou psicológicas. Mas, enfim, conseguimos, com muito esforço, ser reconhecidas socialmente como pessoas que podem circular em todos os espaços sociais e não somente ficar aprisionadas no espaço doméstico, cuidando da casa, dos filhos, do marido. Assim, atualmente, podemos estudar, trabalhar em que área quisermos, ter filhos sem ter uma relação estável, conseguimos quebrar o juramento “eterno” e trocá-lo por juntos até quando o amor durar e a felicidade existir. No entanto, será que as palavras que proferimos e os sentidos que atribuímos a elas retratam a mulher que, a partir dos movimentos feministas, principalmente, luta pela igualdade entre os sexos?

A partir de nossas análises, tanto das palavras selecionadas das canções como das enunciações escritas dos alunos, percebemos que há dois perfis femininos marcantes em nossa sociedade: a mulher que continua dominada pelo homem, e o sujeito feminino que, quando resolveu deixar de ser dominada, passou a agir da mesma forma que o homem, o que Oliveira (1999), chamou de igualdade capenga, pois feminino + masculino passou a ser equivalente a masculino.

Como age a mulher que continua a ser subjugada ao homem? De acordo com as composições analisadas, ela admite que tem a função de cuidar do homem com a qual se relaciona, continua a usar a fragilidade, o sentimentalismo (choro), para convencer o sujeito masculino a ceder aos seus caprichos ou para não ser enganada por ele. Além desses dois tipos de mulher, a submissão feminina ainda continua viva no tipo de mulher que aceita ser aquela que, mesmo apaixonada, divide seu parceiro com a

mulher oficial, sendo a amante, aquela que não pode ser vista com o homem na sociedade, que se contenta com noites de prazer apenas.

A mulher que aceita não ser a única na vida do homem com o qual mantém um relacionamento, que aceita fazer parte de um “harém” parece, dos três perfis delineados acima, o mais aceito em nossa sociedade, pois os sujeitos da pesquisa trataram o fato de o homem retratado, em uma das canções, ter um “harém, com naturalidade, como se fosse algo próprio do homem relacionar-se com várias mulheres ou, conforme os alunos e alunas, ser cortejado por várias garotas ao mesmo tempo.

Certamente, por detrás de toda essa submissão feminina, notamos que ainda é forte o domínio masculino e que algumas mulheres continuam a acreditar que são predestinadas a aceitar o tratamento diferencial que recebem quando comparadas aos homens, o que nos parece ser mais preocupante. Devido a essas constatações, fica difícil precisar se, por culpa de homens ou mulheres, os sujeitos pesquisados atribuiriam significados com um tom tão natural se, ao invés de um homem, na canção *Garotas choram demais*, a palavra harém estivesse relacionada ao comportamento feminino. Será que, mesmo com toda a suposta igualdade entre homens e mulheres, um sujeito feminino ter um harém não significaria ser considerada, por exemplo, uma “prostituta”?

O questionamento anterior reforça a importância da teoria bakhtiniana a respeito do sentido, pois, considerando-se somente o significado dicionarizado das palavras, nem sempre poderemos obter sentidos que representem algo para determinado grupo social. Dessa forma, o estudo de um nível mais elevado de sentido, ou seja, o tema se torna essencial para que possamos, de fato, entender os significados dos signos que fazem parte de nossa língua, nos mais diversos contextos em que eles apareçam e de acordo com o enunciador.

Contudo, nossa análise também revelou uma mulher que destoa do perfil feminino que há muito vem sendo perpetuado, em nosso meio

social, uma vez que encontramos, nas letras de algumas canções e nas respostas dos estudantes, uma figura feminina que não aceita ser dominada pelo homem. Esse comportamento, que poderia ser um indício da igualdade entre os sexos, no entanto, ao menos em parte²¹ da canção *Cachorrinho* denota um desejo de supremacia²² feminina. Isso pode nos indicar que há mulheres que, em uma espécie de vingança por toda a opressão que sofreram, decidiram agir como os homens, subjugando e tratando os sujeitos masculinos como objetos ou bichinhos de estimação. Tal comportamento, que poderia representar uma mudança significativa para as mulheres, parece-nos uma inversão que pouco ajudará no estabelecimento de um diálogo entre homens e mulheres.

De qualquer maneira, essa mulher que se distancia do perfil feminino que povoou e ainda ronda o imaginário das pessoas, a mulher passiva, cordata, obediente, não deseja somente agir igual aos homens. Essa mulher atual também é representada de forma positiva na linguagem, ao menos na concepção da maioria dos sujeitos que participaram da pesquisa. Em uma leitura mais, digamos, literal da letra da canção *Renata*, o locutor masculino nos dá a entender que uma mulher ser classificada como irracional teria um significado negativo. No entanto, para alguns alunos e alunas, no contexto da composição, ser ingrata é algo positivo, pois significa que a mulher não está preocupada apenas com o seu parceiro, mas que deseja ser feliz e que, para isso, não depende do homem que está ao seu lado no relacionamento estável. Em nosso estudo, o vocábulo ingrata foi o que mais nos comprovou a

²¹ Em parte pelo fato de, por detrás do comportamento dominador da enunciadora, na composição “Cachorrinho”, havia uma mulher que afirmava que seu parceiro não poderia viver sem sua presença porque ela o cuidava, o que, historicamente, instaurou-se como característica feminina.

²² Kellner (2001) faz uma análise profunda da imagem da cantora pop Madonna na obra “ A cultura da mídia- estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno”.Esse autor pontua que, embora Madonna, em algumas fases de sua carreira, tenha criticado severamente o poder masculino sobre a mulher, ela” apenas transpõe as relações de dominação, invertendo os papéis masculinos e femininos, em vez de dissolvê-las”. (p.367). É exatamente essa mera troca de papéis que percebemos nessa canção de Kelly Key.

validade de se estudar a dupla forma de significar bakhtiniana, conceitos aparentemente simples, mas que nos revelaram universos de significados que só mesmo o diálogo com os alunos poderia ajudar a revelar.

Por intermédio de nosso estudo analítico, conseguimos responder aos nossos objetivos específicos. Chegamos à conclusão de que o sujeito feminino linguisticamente construído nos discursos analisados, embora continue a comportar-se, por exemplo, como as mulheres da Idade Média, que eram frágeis, sentimentais ou que se submetiam a ser aquelas com as quais os homens, de forma escondida, tinham instantes de prazer carnal, assumiu uma outra postura no meio social. Essa mulher, ultrapassando estereótipos enraizados em nossa sociedade, tenta se libertar, seja igualando-se ao homem, uma maneira que nos parece equivocada, seja assumindo que pode viver sozinha ou estar ligada a um homem até o momento em que o ame ou que se sinta feliz ao lado dele.

Evas, Madalenas, Marias... acreditamos, ao concluir esse terceiro capítulo, que as mulheres, no século XXI, finalmente, estão sendo retratadas como na realidade sempre foram: seres que não podem ser estereotipados, pois cada rosto esconde uma mulher singular, a qual sabe o que quer ser ou o que lhe é mais cômodo representar ser no meio em que vive.

CONCLUSÕES FINAIS

Enfim, chegamos ao final do caminho traçado desde o início desta dissertação. Embora já tenhamos apresentado alguns resultados de nossa pesquisa, no subcapítulo anterior, destinaremos essa última parte para reforçar alguns aspectos. O primeiro deles é a importância dos estudos sobre significação formulados pelo mestre Bakhtin; o segundo, o importante papel do professor, em especial de língua portuguesa, na formação de alunos que sejam capazes de notar o quanto a língua exerce poder sobre os homens e o quanto ela continua a moldar os seres femininos de maneira preconceituosa.

Por meio de nossos estudos, constatamos que não é possível desconsiderar os elementos mais estruturais de nossa língua, nem mesmo quando desejamos apreender os significados dos signos. Entretanto, estudar a dupla forma de significar definida por Bakhtin nos fez perceber que a língua não é só estrutura, mas que é permeada pelo movimento dos sujeitos que fazem parte de contextos diferentes e que, a todo momento, dialogam, trocam idéias, assimilam conceitos, criam novas significações. Esses são sujeitos que modificam os sentidos das palavras e que talvez possam ajudar a dissipar as diferenciações sexistas percebidas na linguagem se forem orientados no sentido de notarem que, independente de sexo, todos merecemos o mesmo respeito até mesmo ao sermos representados lingüisticamente.

Dessa maneira, o professor, principalmente aquele que trabalha com a língua materna, deve tentar assumir o seu importante papel de ensinar o português com vistas à formação de um aluno crítico e que saiba compreender que a língua portuguesa não é somente um amontoado de regras existentes nos livros didáticos nem uma porção de significados presentes nos dicionários. Acreditamos que, por exemplo, afirmar para um aluno que somente os significados encontrados, nos dicionários, são válidos, além de ser uma visão equivocada, pode ser uma maneira de ajudar a perpetuar significações que aprisionam as mulheres em moldes que as desprestigiam quando comparadas aos homens. Será que esse tipo de trabalho condiz com o papel do educador? Queremos que nossas filhas e filhos fiquem bitolados em conceitos preconceituosos e que o estudo da língua não passe de uma reprodução de conceitos às vezes ultrapassados? Cremos que não.

Espero que, em um futuro próximo, não tenha mais que ouvir de meus alunos que toda a mulher que tem um harém não presta por relacionar-se com muitos homens, bem como que todo homem que tem um harém é o bom, o poderoso. Se isso realmente um dia acontecer, talvez muitas Evas e Madalenas não sejam desprestigiadas via discurso e a igualdade entre homens e mulheres, que hoje parece “capenga”, aconteça de fato.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Inês Lacerda. **Do signo ao discurso**. São Paulo: Parábola, 2004.

AVELAR, Lúcia. **Mulheres na elite política brasileira** / Lúcia Avelar – São Paulo: Fundação Konrad Adenauer: Editora da UNESP, 2001.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2002.

BARROS, Ana Luiza Xavier. **Poder e saber: (Re) Construindo a trajetória das mulheres no século XX** / Ana Luiza Xavier Barros. Pelotas: Educat, 1999.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Contribuições de Bakhtin às teorias do texto e do discurso. In: FARACO, C. A.; TEREZA, C. & CASTRO, G. DE (Orgs.). **Diálogos com Bakhtin**. Curitiba: UFPR, 1996.

BARROS, Diana Luz de; FIORIN, José (Orgs.). **Dialogismo, polifonia e intertextualidade**. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2003.

BARROS, Gilda Naécia Maciel. **A mulher grega e estudos helênicos** / Gilda Naécia Maciel de Barros. – Londrina: Ed. da UEL, 1997.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de lingüística I**. Campinas, SP: Pontes, 1995.

BOFF, Leonardo; MURARO, Rose Marie. **Feminino e masculino: uma nova consciência para o encontro das diferenças**. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

BONUMÁ, Tatiana; SOALHEIRO, Bárbara. Que mulher é essa? **Revista Super Interessante**. São Paulo: Abril, n° 196, Jan./2004.

BOUKHARAEVA, Louiza Boukharaeva. **Começando o diálogo com Mikhail Mikhailovitch Bakhtin**. Ijuí: UNIJUÍ, 1997.

BRANDÃO, Helena Nagamine. **Subjetividade, argumentação, polifonia. A propaganda da Petrobrás**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

BRENNER, Athalya. **A mulher israelita: papel social e modelo literário na narrativa bíblica** / Athalya Brenner. Trad. Silvia Márcia K. Belinky. São Paulo: Paulinas, 2001. (Coleção Bíblia e História)

CAMPEDELLI, Samira Youssef; ABDALA JUNIOR, Benjamin. **Tempos da literatura**. São Paulo: Ática, 1987.

CEREJA, Willian. Significação e tema. In: BRAIT B. (org.) **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005.

CHASSOT, Attico. **A ciência é masculina?** São Leopoldo: Editora da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2003.

CLARK, K; & HOLQUIST, M. **Mikhail Bakhtin**. São Paulo: Perspectiva, 1998.

CORRÊA, Manoel Luiz Gonçalves. **Linguagem e comunicação social: visões da lingüística moderna** / Manoel Luiz Gonçalves Corrêa. São Paulo: Parábola, 2002.

COSTA, Cristina. **A imagem da mulher**. Rio de Janeiro: SENAC, 2002.

CREVELED, Martin Van. **Sexo privilegiado: o fim do mito da fragilidade feminina**. Trad. Ibraíma Dafonte Tavares e Marcos Maffei. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

DAHLET, P. Dialogização enunciativa e paisagens do sujeito. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. São Paulo: UNICAMP, 1997.

DOSSE, François. **História do Estruturalismo: O campo do Signo, 1945/1966**. São Paulo: UNICAMP, 1993.

FARACO, Carlos Alberto. Bakhtin e os estudos enunciativos no Brasil: algumas perspectivas. In: BRAIT, Beth (Org) **Estudos Enunciativos no Brasil: histórias e perspectivas**. São Paulo: FAPESP, 2001.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FLORES, Valdir & TEIXEIRA, Marlene. **Da subjetividade na linguagem: Lingüística e Psicanálise**. Ijuí: UNIJUÍ, 1996.

FLORES, Valdir. **Lingüística e psicanálise: princípios de uma semântica da Enunciação**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

GHILARDI-LUCENA, Maria Inês. **Representações do feminino**. Campinas, SP: Átomo, 2003. (Mulher e Vida)

GONÇALVES, Eliane. **Pensando o gênero como categoria de análise**. Cadernos de Área - Estudos de gênero. Goiânia: UCG (Universidade Católica de Goiânia), 1998.

HISSA, Júlia. Breve reflexão sobre a condição feminina ao longo dos anos. In: REIS, Livia de Freitas; VIANNA, Lúcia Helena; PORTO, Maria Bernadette (org.) **Mulher e Literatura - VII Seminário Nacional**. Niterói, RJ, EDUFF, 1999.

HOUAISS, Antônio & VILLAR, Mauro Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KEHL, Maria Rita. **A mínima diferença: masculino e feminino na cultura**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **Deslocamento do feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia - estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**". Bauru, SP: EDUSC, 2001.

LEITÃO, E.V. **A mulher na língua do povo**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1981.

LIPOVETSKY, Gilles. **A terceira mulher**. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, história e educação: construção e desconstrução. **Educação & Realidade**. Porto Alegre. v.2, n. 20., p.101-132, jul/dez 1995.

_____. **Sexualidade, gênero e educação - Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1999.

MARTINS, Eleni J. **Enunciação & Diálogo**. Campinas, SP: UNICAMP, 2002.

MIOTELO, Valdemir. Ideologia. In: BRAIT, B. (org.) **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005.

MOTURAMA, Marina. Maria Madalena, a primeira apóstola da Igreja. **Revista Religiões**. São Paulo: Abril, n. 13, set. 2004.

MURARO, Rose Marie. **Um mundo novo em gestação**. Campinas: Verus, 2003.

_____. **Textos da fogueira**. Brasília: Letraviva, 2000.

_____. **Libertação sexual da mulher**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1971.

NEIVA, Maria Tebaldi Gomes. **Um estudo das relações de (inter) subjetividade presentes na enunciação escrita de professores de língua materna**. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

OLIVEIRA, Rosiska Darcy. **Elogio da diferença: o feminismo emergente**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

PETERSEN, Áurea T. Discutindo o uso da categoria gênero e as teorias que respaldam estudos de gênero. In: MATOS, Adriana Rosa de; WERBW, Graziela; STREY, Marlene (Orgs.) **Gênero por escrito: Saúde, Identidade e Trabalho**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

PIRES, Vera Lúcia. Considerações acerca da Lingüística em Bakhtin. In: **Bakhtin – diálogos inconclusos**. Santa Maria: Pallotti, 2002.

_____. **Discurso e relações de gênero: sob o signo da contradição, o rompimento com o senso comum e a instauração do sentido-outro**. Tese (Doutorado em Letras). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

_____. **Relações de gênero: efeitos de sentido no discurso da imprensa**. **Revista Letras de Hoje**. Porto Alegre.v. 32, n.1, p.103-124, mar. 1997.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987. (Coleção Polêmica)

_____. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de lingüística geral**. São Paulo: Cultrix, 1997.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Revista Educação & Realidade**,. Porto Alegre: v.2., n. 20, p.71-99, Jul/dez ,1995.

WEEDWOOD, Bárbara. **História concisa da Lingüística**. São Paulo: Parábola, 2002.

ANEXOS

ANEXO A – Letras de músicas

Música: Cachorrinho

Intérprete: Kelly Key

Compositor: kelly key

Data de lançamento: 2001

- 1 Se tem uma coisa que me deixa passada
- 2 É gritar comigo sem eu ter feito nada
- 3 Se tem uma coisa que eu não admito
- 4 É gritar comigo
- 5 Você gosta de mandar, você só me faz sofrer
- 6 Você só sabe gritar
- 7 E grita sem saber
- 8 Mas sem mim você não vive, sem meus cuidados, amor
- 9 Fala baixinho comigo, a sua dona chegou

- 10 Vem aqui que agora que eu tô mandando
- 11 Vem meu **cachorrinho**, a sua dona tá chamando

Música: Adoleta

Intérprete: Kelly Key

Compositor: Gustavo Lins

Data de lançamento: 2003

- 1 Me ganhou com esse jeito de menino
- 2 Tão alegre, tão **meigo** e distraído
- 3 Eu não sei onde esse amor vai me levar
- 4 E você é mais novo é verdade
- 5 Mas não quero saber da sua idade
- 6 Não vou mais fugir
- 7 Eu vou deixar rolar
- 8 Te chamo pro cinema
- 9 Você tem que estudar
- 10 E quando agente sai sempre tem hora pra voltar

- 11 Não vê que eu to na sua
- 12 Não dá pra te beijar
- 13 Se liga na idéia que eu vou te mandar

- 14 Não quero mais brincar, brincar de adoleta
- 15 Eu quero lê pe ti pe ti pó lá
- 16 Lê café com chocolá

Música: Garotas choram demais

Intérprete: Liah

Compositores: Cézar Lemos e Jodi Horovitz

Data de lançamento: 2004

1 Você pensou que ficando assim
2 Com pena de mim, tudo bem
3 Machista e tão superficial
4 Pensa que é normal um **harém**
5 Diz que não quer me ver chorar
6 Mas não faz nada pra entender
7 Você vai ter que me escutar
8 Eu vou te ensinar porque
9 Garotas choram demais,
10 Quando o sonho se desfaz
11 Você ama e depois não quer mais
12 E ainda pergunta por que garotas choram demais
13 Você não sabe o mal que me faz
14 Você me usa,
15 Me deixa pra trás
16 Diz que garotas choram demais
17 Diz que eu exagero sem ter porquê
18 Cena de TV pra impressionar
19 O que você não consegue ver
20 É que eu vim dizer bye bye
21 Chegou a vez de te ver chorar
22 Só assim você vai entender
23 Agora é tarde pra te escutar
24 Só vou te ensinar porque
25 Garotas choram demais
25 Eu tentei
26 Como é que você não vê?

27 É que tudo que eu quero, é
28 Um amor sincero
29 Alguém bem melhor que você

Música: Me engana que eu gosto

Intérprete: Wanessa Camargo

Compositores: Bernardo Ossa, Chimena, Munõz, Wanessa, José Gavínia

Data de lançamento: 2004

1 .Esse amor
2 que se esconde em minhas veias que
3 me seduz e depois deixa um sabor de solidão...
4 é o amor que com seu toque contagia
5 fala comigo noite e dia é sempre uma tentação...
6 e por você eu continuo apaixonada, sem esse amor não
tenho
7 nada te entreguei meu coração
8 e quanto mais, me faz de boba e me castiga eu fico mais
9 **enlouquecida** quase morro de paixão..

Refrão:

10 me engana assim que eu gosto diz que ama que eu te adoro
11 pede com jeitinho um beijo e eu te dou
12 me engana assim que eu gosto diz que ama que eu te adoro
13 sinto muito essa garota te perdeu essa noite você é meu!!
14 Diz pra mim se essa paixão é verdadeira ou se é coisa
15 passageira, é só um simples prazer...
16 você sabe que eu sempre te espero assim do jeito que eu
te
17 quero ninguém pode te querer...
18 o que fazer se eu adoro seus defeitos?

19 Contigo tudo é perfeito realidade ou ilusão
20 e quanto mais me faz de boba e me castiga eu fico mais

21 **enlouquecida** quase morro de paixão...

Repete refrão

22 e por você eu continuo apaixonada desse amor não tenho nada

23 te entreguei meu coração e quanto mais me faz de boba e me

24 castiga eu fico mais **enlouquecida** quase morro de paixão...

Repete refrão

25 você é meu

26 hoje só meu

27 pra sempre meu

28 você é meu

29 hoje só meu

30 pra sempre meu

Música: Renata

Intérprete: Latino

Compositores: Latino e Totonho

Data de lançamento: 2005

- 1 Num golpe de olhar
- 2 Ganhou meu coração
- 3 Mas eu não imaginava a decepção
- 4 Por ela fui fiel
- 5 Tão cego eu fiquei
- 6 Ir no night-futebol amigos eu deixei

- 7 Foi **irracional** o que ela fez
- 8 Mas vou delatar
- 9 Sua insensatez

- 10 Renata ingrata, trocou o meu amor por uma ilusão
- 11 Renata ingrata, quem planta sacanagem, colhe solidão

- 12 Até pra namorar a bela foi atriz
- 13 Fingindo que eu era o que ela sempre quis
- 14 A lua entristeceu, o céu mudou de cor
- 15 Renata foi embora e a deprê ficou

- 16 Foi **irracional** o que ela fez
- 17 Mas vou delatar
- 18 Sua insensatez

- 19 Renata ingrata, trocou o meu amor por uma ilusão
- 20 Renata ingrata, quem planta sacanagem, colhe solidão
- 21 Renata ingrata, trocou o meu amor por uma ilusão
- 22 Renata ingrata, quem planta sacanagem, colhe solidão

ANEXO B – Tabelas com significações dos vocábulos

RESPOSTAS DAS MENINAS DO GRUPO A (8ª série)

A1

Palavra	Significado
Harém	Muitas meninas que gostam de um mesmo guri e que correm atrás dele
Cachorrinho	Guri bobo, pau mandado
meigo	Jeito de menina, inocente
Irracional	Na música, acho que significa uma mulher que pensa em si mesma, que não se liga a homem nenhum.
enlouquecida	Que age sem pensar

A2

Palavra	Significado
Harém	Gurias que já passaram pela mão de um mesmo garoto, ficantes dele. Tipo o harém do fulano.
Cachorrinho	Garoto meloso demais, que fica atrás da namorada dando presentes, enviando mensagens
meigo	Sem malícia
Irracional	Que não pensa no que faz
enlouquecida	Na canção, aquela que se apaixonou demais

A3

Palavra	Significado
Harém	Um monte de meninas que ficam com o mesmo garoto
Cachorrinho	Aquele que se deixa dominar pela mulher
meigo	Jeito de boiola
Irracional	Uma garota que não tá nem aí para o que os outros pensam eu acho, deixa o namorado a hora que quer, quer ser feliz
enlouquecida	Que não pode viver sem o homem que ela se declara na música.

RESPOSTAS DOS MENINOS DO GRUPO A

A4

Palavra	Significado
Harém	Grupo de meninas que o mesmo garoto pega ao mesmo tempo e elas aceitam
Cachorrinho	Lacaio que deixa a namorada fazer o que quiser
Meigo	Jeito de frutinha, sabe?
Irracional	Lendo a letra, acho que é uma mulher moderna, que não depende do homem
Enlouquecida	Muito apaixonada pelo cara

A5

Palavra	Significado
Harém	Ah, a gente diz que um colega nosso tem um harém porque ele vive com garotas atrás dele.
Cachorrinho	Pau mandado
meigo	Menino que age como boiolão
Irracional	Uma guria que assume que não gosta mais do cara e vai embora, sem pensar se ele vai sofrer
Enlouquecida	Obcecada mesmo pelo homem

RESPOSTAS DAS MENINAS DO GRUPO B (1º ano do Ensino Médio)

B1

Palavra	Significado
Harém	Grupo de bobinhas que aceitam ficar com o mesmo garoto
Cachorrinho	Garoto que faz tudo pela namorada
Meigo	Menino doce
Irracional	Garota que não sabe o certo e o errado
Enlouquecida	Que perdeu o juízo

B2

Palavra	Significado
Harém	As apaixonadas pelo mesmo garoto
Cachorrinho	Tipo aquele guri que não tem atitude, que faz o que a menina ordena
Meigo	Guri meio bichão, bobo
Irracional	Que faz tudo sem pensar
enlouquecida	Que tá louca pelo cara

B3

Palavra	Significado
Harém	Sabe aquele garoto que tem um monte de admiradoras, ele tem um harém, pode escolher com quantas ficar e elas aceitam legal.
Cachorrinho	Bobalhão, que é dominado pela mulher
meigo	Sem malícia
Irracional	Que não pensa naquilo que faz pros outros
enlouquecida	Que não se controla

RESPOSTAS DOS MENINOS DO GRUPO B

B4

Palavra	Significado
Harém	Um monte de meninas que ficam com o mesmo cara
Cachorrinho	Guri que só faz o que a namorada manda, que dá explicações para ela de tudo
Meigo	Homem que age como mulher
Irracional	Sem responsabilidade com o homem
Enlouquecida	Louca, que faz tudo sem pensar

B5

Palavra	Significado
Harém	Bando de guria que fica com o mesmo cara, o harém dele, quem me dera ter um!
Cachorrinho	Pau mandado pela mulher
Meigo	Vem de boiola
Enlouquecida	Bem louca, de hospício
Irracional	Uma mulher que vive o momento